



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JÉSSICA DE SOUSA VIEIRA

O PAPEL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM

Florianópolis

2015

JÉSSICA DE SOUSA VIEIRA

**O PAPEL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia. Sob a orientação da Professora Ma. Jocemara Triches EED/CED/UFSC.

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

VIEIRA, Jéssica de Sousa. O papel da Orientação Educacional no processo de ensino e aprendizagem / Jéssica de Sousa Vieira ; orientadora, Jocemara Triches - Florianópolis, SC, 2015. 85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Pedagogia.

Inclui referências

1. Pedagogia. 2. Orientação Educacional. 3. Processo de ensino e aprendizagem. 4. História da Orientação Educacional. 5. Escola. I. Triches, Jocemara. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

JÉSSICA DE SOUSA VIEIRA

**O PAPEL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação.

Florianópolis, 18 de Dezembro de 2015.

Prof. Dr. Jéferson Silveira Dantas
Coordenador do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Prof.^a Jocemara Triches, Ma.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Kamille Vaz, Ma.
Examinadora
Doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina

Or.Ed. Raquel Veiga Pacheco, Ma.
Examinadora
E.D.M. Marcolino José de Lima- Fpolis/SC

Prof.^a. Paula Cabral, Ma.
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Dêem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo

Jesus. 1 Tessalonicenses 5:18

Dedico este trabalho aos meus pais, Elisabete e Osmar, e as minhas irmãs, Renata e Débora.

AGRADECIMENTOS

A DEUS por me manter com saúde e força necessária para chegar até esse momento. Pela sua fidelidade em me manter perseverante mesmo em meio de diversos momentos de dificuldade.

Aos meus pais, Osmar e Elisabete, que sempre me apoiaram para a concretização de todos os meus sonhos. E por todo o amor, carinho, cuidado, e educação que me proporcionaram, pois eles são meus maiores exemplos na vida e são as pessoas no qual tenho um amor incondicional.

Às minhas irmãs, Débora e Renata, que sempre estiveram ao meu lado me proporcionando todo apoio e incentivo nas mais diversas situações e que me ensinaram a encarar a vida com responsabilidade, honestidade e dedicação.

Ao meu namorado, Leonardo, que sempre esteve ao meu lado nos momentos felizes e difíceis, sendo um dos principais apoiadores para que eu finalizasse este trabalho. E por toda a sua dedicação, amor, carinho e cuidado principalmente durante a trajetória da realização desse trabalho.

Aqueles amigos no qual já considero parte da minha família, Henrique, Cleber, Joice, Vlademir, Priscila, Paulo Roberto, Tatiane e Érico no qual estavam ao meu lado me incentivando a ir em frente, orando e sempre dispostos a dialogar nos momentos difíceis, na torcida para que eu concluísse essa etapa.

À Viviane, minha colega de profissão, que me acolheu com toda atenção e cuidado, destinando seu tempo a fazer discussões a respeito do tema e também colaborando com a correção do meu trabalho.

A todos os membros da mocidade e amigos da igreja, no qual sempre estavam abertos a dialogar e me auxiliar nos momentos de dificuldade.

À minha orientadora, Jocemara Triches, que desde o primeiro instante me acolheu com toda a sua atenção e cuidado. Sou grata pela sua atenção, confiança, cuidado e dedicação, principalmente nos momentos quando surgiram as minhas angústias, ansiedades, medos e limitações. Agradeço por ter acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditava que pudesse dar continuidade ao trabalho, me dando incentivo e apoio a seguir em frente. Agradeço também a seu compromisso e sua sabedoria em cobrar quando era necessário, e todo seu empenho que fez com que concluísse a produção desta pesquisa.

Aos entrevistados dessa pesquisa, por se proporem a contribuir comigo compartilhando suas experiências e enriquecendo esse trabalho. Também por terem me recebido em seus locais de trabalho e residência para que as entrevistas pudessem ser realizadas.

Aos membros da banca, por se proporem à leitura criteriosa deste meu trabalho de conclusão de curso e pelas considerações e contribuições.

A todos os professores que passaram ao longo da trajetória da minha vida escolar desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior e que me proporcionaram aprendizagens muitas vezes além dos conteúdos, portanto, tornando-se marcantes e sendo aqueles que me inspiraram a tornar uma docente comprometida e dedicada e, principalmente, acreditando que pela educação posso fazer a diferença.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma breve pesquisa sobre o papel do/a Orientador/a Educacional no processo de ensino e aprendizagem. São abordados dois temas principais: a trajetória da Orientação Educacional no Brasil e o trabalho deste profissional no processo de ensino e aprendizagem. A escolha do tema sobre a orientação educacional surgiu a partir da análise reflexiva a respeito da formação que tive no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina, pois ao longo dela não houve nenhuma aproximação no campo da gestão, coordenação pedagógica, orientação educacional, supervisão escolar e administração escolar. No máximo tive alguns comentários gerais por parte de um ou outro professor. Por isso senti a necessidade de estudar sobre o pedagogo que iria atuar fora do contexto da sala de aula, pois queria saber como seriam as outras formas de atuação. Assim, optei por me aproximar desta temática que me interessa, buscando compreender qual a colaboração do trabalho desse profissional com alunos e professores, visando conhecimentos para uma futura atuação. Entre as questões de pesquisa tenho: Qual a formação necessária para desempenhar a função de orientador educacional? Qual seu papel numa instituição de ensino? Qual a contribuição dele para o processo de ensino e aprendizagem? Como se estabelecem as relações entre orientador educacional, professor, aluno e família? Nesta pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa e de forma exploratória, além dos documentos oficiais específicos da área da orientação, realizei uma pesquisa bibliográfica na sobre o tema. Com o estudo desses materiais e a partir das entrevistas com três orientadores de escolas públicas no município de Florianópolis busquei compreender a trajetória da orientação educacional no Brasil, bem como o trabalho do Orientador Educacional no processo de ensino e aprendizagem. A partir desse trabalho compreendo que o papel do orientador é relevante no que diz respeito às instituições de ensino, principalmente, no processo de ensino e aprendizagem no sentido de auxiliar para que se efetive esse processo.

Palavras-chave: Orientação Educacional. Processo de ensino e aprendizagem. História da Orientação Educacional. Escola.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE – Associação Brasileira de Educação
Art. – artigos
CA – Colégio de Aplicação
CED – Centro de Ciências da Educação
CEE – Conselho Estadual de Educação
CFE – Conselho Federal de Educação
CIEE – Centro de Integração Empresa Escola
CNE/CP – Conselho Nacional da Educação/ Conselho Pleno
CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação
DDP – Departamento de Desenvolvimento de Pessoas
EDM – Escola Desdobrada Municipal
FENOE – Federação Nacional de Orientadores Educacionais
Fpolis – Florianópolis
IEE – Instituto Estadual de Educação
IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Ma – Mestre
MEC – Ministério da Educação e Cultura
nº - número
OE – Orientação Educacional
Or.E – Orientador Educacional
p. – página
PPP – Projeto Político Pedagógico
Prof - Professor
Profª - Professora
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
USAL – Universidade Salamandra
USJ – Universidade São José

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVOS.....	14
1.1.1 Objetivo Geral.....	14
1.1.2 Objetivos Específicos.....	14
1.2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
1.3 METODOLOGIA.....	15
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	16
2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL.....	18
2.1 PERÍODO IMPLEMENTADOR (1920 A 1941).....	18
2.2 PERÍODO INSTITUCIONAL (1942 A 1960).....	21
2.3 PERÍODO TRANSFORMADOR (1961 A 1970).....	24
2.4 PERÍODO DISCIPLINADOR (1961 A 1970).....	28
2.5 PERÍODO QUESTIONADOR (1980 A 1990).....	30
2.6 PERÍODO ORIENTADOR (A PARTIR DE 1990).....	33
3 O TRABALHO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.....	35
3.1 APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	37
3.1.1 Caracterização das instituições onde atuam os entrevistados.....	38
3.2 A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E SUA IMPORTÂNCIA.....	40
3.2.1 Características recomendadas para um orientador educacional.....	43
3.3 FUNÇÕES DO ORIENTADOR EDUCACIONAL.....	46
3.3.1 Planejamento.....	50

3.4 O ORIENTADOR EDUCACIONAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	54
3.5 DIFICULDADES, LIMITES E POSSIBILIDADES.....	58
3.5.1 Dificuldades e Limites.....	58
3.5.2 Possibilidades.....	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
5 REFERÊNCIAS.....	67
6 APÊNDICES.....	70
6.1 APÊNDICE A–Entrevista estrutura para coleta de dados com os Orientadores Educacionais.....	70
6.2 APÊNDICE B – Entrevistas na íntegra com os três entrevistados, 2015.....	72

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma breve pesquisa sobre o papel do/a Orientador/a Educacional (Or.E) no processo de ensino e aprendizagem. São abordados dois temas principais: a trajetória da Orientação Educacional (OE) no Brasil, bem como o trabalho deste profissional no processo de ensino e aprendizagem. A escolha do tema surgiu a partir da análise reflexiva a respeito da formação que tive no curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Santa Catarina, pois ao longo dela observei que não houve aproximação no campo da gestão, coordenação pedagógica, orientação educacional, supervisão escolar e administração escolar¹, na verdade posso dizer que, no máximo, alguns comentários gerais por parte de um ou outro professor.

Segundo Lück (2009, p. 22), os gestores escolares são:

Uma equipe de gestão, sendo os profissionais responsáveis pela organização e orientação administrativa e pedagógica da escola, da qual resulta a formação da cultura e ambiente escolar, que devem ser mobilizadores e estimuladores do desenvolvimento, da construção do conhecimento e da aprendizagem orientada para a cidadania competente. Para tanto, cabe-lhes promover a abertura da escola e de seus profissionais para os bens culturais da sociedade e para sua comunidade. Sobretudo devem zelar pela constituição de uma cultura escolar proativa e empreendedora capaz de assumir com autonomia a resolução e o encaminhamento adequado de suas problemáticas cotidianas, utilizando-as como circunstâncias de desenvolvimento e aprendizagem profissional.

A autora supracitada ainda destaca que nessa equipe de gestão tem destaque o diretor escolar, responsável maior pelo norteamento do modo de ser e de fazer da escola e seus resultados. Ela é também diretamente formada por diretores assistentes ou auxiliares, coordenadores pedagógicos, supervisores, orientadores educacionais e secretários escolares.

Por essas questões serem tratadas superficialmente ou nem discutidas durante minha formação, senti a necessidade de estudar sobre o pedagogo que iria atuar fora da sala de aula, pois queria saber como seriam as outras formas de atuação. Assim, optei por me aproximar do papelo Orientador Educacional, pois eu me interesse em saber qual a sua colaboração no trabalho com alunos e professores, pois estou buscando conhecimentos para uma possível atuação.

¹Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia em seu “Art. 10. As habilitações em cursos de Pedagogia atualmente existentes entrarão em regime de extinção, a partir do período letivo seguinte à publicação desta Resolução.” (BRASIL, 2006). A formação nessas áreas ainda pode ocorrer no curso de Pedagogia, não em forma de habilitação, ou em cursos de Pós-graduação, especialização.

Antes de iniciar a pesquisa, praticamente no final da conclusão da minha graduação, o meu olhar a respeito sobre a orientação era de uma profissão que basicamente consistia em “apagar incêndios”, “fazer curativos nos alunos que se acidentavam na escola”, fazer atendimento aos alunos “problemas” e “aquele que ajudava na escolha da profissão dos alunos”.

Santos (1980) concebe Orientação Educacional como sendo um conjunto de princípios e estratégias que considera a pessoa a orientar (no caso do ambiente escolar, o aluno) em sua personalidade integral, levando em conta as informações, em diferentes áreas, sobre o indivíduo ou grupo de pessoas que se quer auxiliar. Desta maneira, percebo que a minha concepção estava ligada diretamente aos ranços do passado que perpassaram a história e que ainda pairam sobre a orientação atualmente, pois são marcas difíceis de ser removidas pelo caráter em que exerceu durante longos anos. Mas, ao longo da realização da pesquisa meu olhar foi se modificando a partir da leitura de alguns textos e do contato com alguns orientadores educacionais entrevistados.

Após ter concluído a pesquisa, entendo que o Orientador Educacional tem o papel fundamental no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, pois ele auxilia, principalmente, o professor no que diz respeito à metodologia e didática, sugerindo possíveis formas de planejamento, registro e avaliação, com objetivo de garantir a qualidade do ensino aos alunos.

Ferreira (2012) compreende que a Orientação Educacional é um processo dinâmico, contínuo e sistemático, estando integrada em todo o currículo escolar sempre encarando o aluno como um ser global que deve desenvolver-se harmoniosa e equilibradamente em todos os aspectos: intelectual, físico, social, moral, estético, político, educacional e vocacional. Segundo Nérici (1983, p. 39), observa que “não é uma tarefa fácil conceituar o significado de orientação educacional, devido à amplitude de tarefas que esta função compreende”. O Orientador Educacional promove a articulação junto à família a respeito de fatores que contribuam para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. O orientador é um facilitador das relações com a comunidade escolar, pois promove a articulação entre todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

De acordo com o Decreto nº. 72.846, de 26 de setembro de 1973, que regulamenta a Lei nº. 5.564, de 21 de dezembro de 1968, em respeito às competências do Orientador Educacional (BRASIL, 1973; 1968), define-se, entre outras coisas, que: “Art. 9º. Compete, ainda, ao Orientador Educacional as seguintes atribuições: [...] g) participar no processo de integração escola-família-comunidade”.

Pascoal et al (2008, p.103) relata que,

[...] não há dúvida de que o orientador educacional seja necessário ao processo educacional. Existe uma ligação entre tal prática e a própria educação, uma vez que na raiz da palavra educação encontra-se ‘orientar, guiar, conduzir o aluno’. Em outras palavras, o papel do orientador educacional deve ser o de mediador entre o aluno, as situações de caráter didático-pedagógico e as situações socioculturais. Além disso, a razão de ser da escola e da própria educação é o aluno, centro dos estudos da orientação educacional.

A orientação educacional surgiu em 1924, como um serviço de seleção de alunos do curso de mecânica no Liceu de Artes e Ofícios, em São Paulo e orientação profissional dos mesmos. Desde a década de 20, a educação era voltada para a aptidão natural, apoiada em um referencial psicológico e trabalhada de forma apenas técnica, ingênua e desconexa. O Orientador precisava fazer com que os alunos internalizassem e acreditassem, assim como ele mesmo, que os alunos poderiam ascender socialmente por caminhos individuais, já que o discurso aplicado nos cursos de formação da classe determinava que todo indivíduo teria oportunidades iguais nesta sociedade dita como “justa e harmoniosa” (GRINSPUN, 2011).

Seguindo este princípio, por muito tempo o orientador baseou-se em uma metodologia que consistia em aplicações de testes de desempenho e aptidão, como forma de selecionar e encaminhar os alunos para o mercado de trabalho. Nas palavras de Maia e Garcia (1985, p. 13 - 14):

Apoiada num referencial basicamente psicológico reforçaria a ideologia das aptidões naturais: a cada um o seu lugar, de acordo com suas capacidades, seu esforço e sua responsabilidade. A escola, espaço neutro da sociedade, ofereceria oportunidades iguais para todos. O papel do Orientador Educacional, “profissional da neutralidade”, seria o desvelamento das aptidões que o indivíduo possui naturalmente, independente de sua condição de classe.

Somente na década de 1980, a exclusão começa a ganhar espaço em termos de discussão e reflexão e vários eventos na área da educação aconteceram dentro do contexto mais democrático que se apresentava. O Orientador passava então a compreender que a escola não poderia mais ser vista somente como fornecedora de conteúdos, sem conexão com a realidade, mas, sim, como uma reprodutora do sistema social e os alunos deveriam ser tratados como sujeitos sociais, inseridos historicamente, críticos diante dos acontecimentos a sua volta. Esta década apresenta muitas mudanças, avanços, recuos e contradições e os orientadores vão, aos poucos, deixando de lado as questões de ajustamento para começar a ser

conscientizar historicamente e coletivamente, enxergando os alunos como seres sociais e questionando-se sobre a realidade (GRINSPUN, 2011).

Nesse contexto, a educação segundo Saviani (2007) é um ato político, bem como a atividade educacional e a do orientador. Vem daí a ruptura do trabalho da Orientação Educacional, que, ao mesmo tempo em que se afirmava como um “agente de mudança” acabava por contribuir para a manutenção do sistema social, como afirmam Maia e Garcia (1985).

Assumindo seu compromisso político na escola e com ela, os orientadores começam a discutir e compreender as escolhas e opções pessoais e profissionais dos alunos e “o significado da liberdade e da autonomia, não como uma postura individual, mas como uma atitude ética social; foram compreendendo também o sentido do contexto, do cotidiano, para a interpretação da realidade de seus alunos”. (GRINSPUN, 2006, p.28)

Grinspun (2006) escreve que os Orientadores assumem, a partir da década de 1990, seus papéis de coadjuvantes da prática docente, não mais por imposição legal, mas pela consciência profissional de sua função junto aos demais integrantes da escola, entendendo que a Orientação Educacional possui sua dimensão pedagógica com caráter mediador, junto aos demais educadores, buscando mais qualidade nas escolas e superando a fragmentação do processo pedagógico. É importante salientar que os aspectos históricos vão ser aprofundados ao longo desse trabalho.

Este é o contexto geral da temática escolhida aqui para estudo. Chegado o momento de desenvolver o projeto de trabalho de conclusão de curso (TCC), optou-se por pesquisar sobre o papel do/a Orientador/a Educacional no processo de ensino e aprendizagem, buscando responder as questões descritas abaixo: Qual a formação necessária para desempenhar a função de orientador educacional? Qual seu papel e funções numa instituição de ensino? Qual a sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem? Como se estabelecem as relações entre orientador educacional, professor, aluno e família? Entre outros questionamentos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender o papel da orientação educacional nas instituições de ensino, especialmente, sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

1.1.2 Objetivos Específicos

- ✓ Entender a trajetória histórica da Orientação Educacional até a atualidade;
- ✓ Identificar a contribuição do orientador educacional para o processo de ensino e aprendizagem;
- ✓ Descrever as funções de um/a orientador/a educacional;
- ✓ Compreender alguns elementos que constituem as relações entre orientador educacional, professor, aluno e família;
- ✓ Conhecer a produção acadêmica da área sobre o assunto a partir da leitura de livros e trabalhos de conclusão de curso.

1.2 REVISÃO DA LITERATURA

Os autores essenciais para o desenvolvimento desse trabalho foram: Grinspun(2006; 2008; 2011), Maia e Garcia (1985), Mello e Costa (2001), e Lück (2009).

Grinspun(2008; 2011) foi autora central, pois ela ajudou na compreensão de como foi concebida a orientação ao longo do tempo até atualmente, principalmente em demonstrar em como era visto o orientador, quais eram as suas funções e da contribuição do mesmo para a educação. Além de nos situar na organização histórica e temporal, político, social, econômico e educacional.

Maia e Garcia(1985) além de permitir a compreensão da trajetória da orientação, nos situou no momento histórico, político, social, econômico e apresentando panorama da educação no geral.

Mello e Costa(2011) nos possibilitaram a compreensão da situação em que se encontrava o Brasil especificamente no que diz respeito ao contexto histórico, político, social, econômico.

Lück(2009)contribuiu no que diz respeito à compreensão do significado, da necessidade, da importância e das dimensões do planejamento para o bom desenvolvimento das funções do orientador/a educacional.

1.3 METODOLOGIA

Tentando dar conta dos questionamentos e objetivos da pesquisa, me propus a desenvolver neste estudo fazer uma análise documental, bibliográfica e de levantamento por meio de entrevista estruturada. Nesse sentido, definirei a partir de Gil (1991, apud SILVA e MENEZES, 2005, p.21) os conceitos supracitados acima:

Pesquisa Bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. [...]

Pesquisa Documental: quando elaborada partir de materiais que não receberam tratamento analítico. [...]

Levantamento: quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

Nesta pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa e de forma exploratória, além dos documentos oficiais específicos da área da orientação, tais como “a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de Maio de 2006”, “DECRETO No 69.450, DE 1 DE NOVEMBRO DE 1971”, “DECRETO-LEI nº 4.073, de 30 de Janeiro de 1942”, “DECRETO-LEI nº 4.244, de 09 de Abril de 1942”, “Lei N. 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961”, “Lei Nº 5.540, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1968”, “Lei Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971”, “Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996”, “Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968”, “Decreto nº 72.846, de 26 de setembro de 1973”, realizei uma pesquisa bibliográfica na área da educação sobre o tema, estudando, entre outros autores, Grinspun (2008; 2011), Lück (2011), Maia e Garcia

(1985), Mello e Costa (2001). Com o estudo desses materiais e a partir das entrevistas² no qual realizei com três orientadores de escola pública do município de Florianópolis, busquei compreender a trajetória da Orientação Educacional no Brasil, bem como o trabalho do/a Orientador/a Educacional no processo de ensino e aprendizagem.

A entrevista foi composta por sete questões³ com foco principal nas temáticas eleitas como essenciais para o desenvolvimento desse trabalho, tais como: formação, experiência profissional, rotina de trabalho, como concebem a OE e qual a sua importância, quais as funções do orientador/a e se conseguem implementá-las, qual o papel desses profissionais em relação ao processo de ensino e aprendizagem e as características que julgam necessária para ser um Or E. Essa entrevista foi realizada com três profissionais pertencentes à rede pública do município de Florianópolis. Dos três entrevistados um já tem experiência há mais de trinta anos nessa área e dois se inseriram recentemente nesta função.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Para apresentação dos resultados dessa pesquisa, organizo, além dessa Introdução, mais duas seções, nas quais expus a documentação relacionada à área da Orientação Educacional e as entrevistas realizadas com três orientadores educacionais da rede pública de Florianópolis.

Na seção dois, intitulada “A trajetória da Orientação Educacional no Brasil”, apresento uma retrospectiva histórica da OE, dividido em períodos, a partir da abordagem de autores e das legislações na área da orientação, compreendendo as mudanças em que a orientação sofreu ao longo do tempo, no que diz respeito à concepção do orientador e as suas funções.

Na seção três, “O trabalho do/a Orientador/a Educacional no processo de ensino e aprendizagem”, apresento, a partir do resultado das entrevistas, das legislações e dos autores, as funções da OE.

² Por envolver entrevistas, esta pesquisa deveria ter sido passado pelo Comitê de Ética da UFSC. Como no início dos estudos não tínhamos projeto pronto sobre o assunto – apenas um esboço do trabalho a ser realizado – tampouco, tempo hábil para seguir os trâmites, optamos por não enviar solicitação ao Comitê. Cabe registrar que todas as questões formuladas foram amplamente discutidas com a orientadora e os resultados dessa pesquisa não serão publicados. Os entrevistados assinaram termo de consentimento para utilização neste estudo e suas identificadas foram preservadas.

³ Entrevista disponível no Apêndice A desse trabalho.

Por fim, nas considerações finais, retomeios objetivos e questões da pesquisa, mostrando quais foram alcançados e como ocorreu a construção desta pesquisa. Após a conclusão dos estudos constatei que o papel do orientador educacional é relevante no que diz respeito às instituições de ensino, principalmente, quanto ao processo de ensino e aprendizagem, pois acredito que esse profissional tem papel essencial no sentido de auxiliar para que se efetive esse processo.

2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL

O objetivo desta seção é compreender os fatores que contribuíram para a construção da Orientação Educacional (OE) do modo que se encontra. Para isso perpassarei a história da orientação desde o surgimento até os dias atuais, com objetivo de compreender como esse profissional vai sendo concebido e também as mudanças no que diz respeito às suas funções. Além disso, apresentarei o contexto histórico, político, social e econômico do Brasil em cada momento para dar um breve panorama de como se encontrava a educação brasileira e identificar possíveis fatores que influenciaram nesta profissão.

A trajetória histórica da OE neste trabalho será apresentada, conforme divisão feita por Grinspun (2008), em períodos históricos que assumem determinadas características que marcam mudanças na compreensão da orientação e no trabalho de orientadores educacionais. Além disso, a autora ao identificar esses períodos assinala como fio condutor a história da educação brasileira, em especial a legislação que a configura explícita e implicitamente a Orientação Educacional.

Assim, a história da orientação educacional é dividida em seis períodos (GRINSPUN, 2008):

- Período Implementador (1920 a 1941);
- Período Institucional (1942 a 1960);
- Período Transformador (1961 a 1970);
- Período Disciplinador (1971 a 1980);
- Período Questionador (década de 1980);
- Período Orientador (a partir da década de 1990).

2.1 PERÍODO IMPLEMENTADOR (1920 A 1941)

Segundo Costa e Mello (2001, p.284) a década de 1920 foi um período marcado por diversos fatores que influenciaram diretamente o declínio da República Velha, entre eles: os levantes militares tenentistas, o fim da política café-com-leite, o agrupamento das oligarquias dissidentes na Aliança Liberal e o colapso na economia cafeeira. Esses foram alguns dos fatores que criaram as condições para revolução de 1930 e o início da Era Vargas. No campo da educação, como relata Saviani (2007, p.195):

Logo depois de empossado, em novembro de 1930, uma das primeiras medidas do governo provisório foi criar o Ministério da Educação e Saúde Pública. Para ocupar a nova pasta foi indicado Francisco Campos, [...] Já no primeiro semestre de 1931 o ministro da Educação e Saúde Pública baixou um conjunto de sete decretos, conhecidos como Reforma Francisco Campos.

Desta forma, as reformas propostas por Francisco Campos forneceram uma estrutura ao ensino secundário, comercial e superior que trouxe repercussão no trabalho da OE.

Grinspun (2008) denominou esse período de implementador, pelo fato de ser o momento dentro do contexto brasileiro onde surge a Orientação Educacional e onde se teve as primeiras experiências neste campo.

O surgimento da Orientação Educacional no Brasil se deu por volta do ano de 1924, em São Paulo, pelo engenheiro suíço Roberto Mange com a ajuda técnica de Henri Pièron e de sua esposa. Inicialmente tinha o objetivo de ser um Serviço de Seleção e Orientação Educacional para o curso de mecânica no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (MAIA; GARCIA, 1985). A partir disso, posso iniciar a compreensão a respeito da criação da orientação educacional e suas finalidades, pois naquele dado contexto os alunos não tinham ainda nenhum auxílio a respeito da escolha da profissão e de cursos. “Em 1930, na Estrada de Ferro Sorocabana, ainda sob a direção de Mange e de seu colaborador Italo Bologna, teve início um serviço de seleção, orientação e formação de alunos em cursos de aprendizagem mantidos por aquela instituição.” (GRINSPUN, 2011, p.26).

Nesse sentido Grinspun (2011) nos aponta que esses serviços impulsionaram a criação do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP) no ano de 1934, que passou a ser modelo para outras ferrovias do país. A autora considera que os preceitos do serviço de orientação vocacional e educacional eram voltados à seleção profissional baseado no

conhecimento das características individuais e nas aptidões funcionais para determinadas funções e ocupações.

No mesmo ano surge o primeiro serviço público de orientação educacional sendo desenvolvido pelo professor Lourenço Filho com intuito de guiar o indivíduo na escolha de seu lugar social pela profissão. Conforme Porto (2009, p. 49) nos aponta:

A orientação educacional no Brasil tem sua primeira incursão do processo educativo por meio de Lourenço Filho, um dos expoentes da educação brasileira. Enquanto diretor do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, criou o Serviço de Orientação Profissional e Educacional em 1931, serviço interrompido em 1932, sendo reiniciado por Fernando de Azevedo, ainda no mesmo ano e extinto em 1935.

Essas primeiras experiências nos apresentam como era desenvolvido o serviço de orientação educacional e quais eram seus principais objetivos. Paralelamente a esses acontecimentos, Grinspun (2011) relembra neste contexto o movimento de educadores da época que reagiram ao desinteresse político pela educação que, posteriormente, impulsionou o surgimento do “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”, de 1932. Conforme Maia e Garcia (1985), os educadores buscavam implantar um sistema educacional que oferecesse as mesmas oportunidades educacionais a todos, que respondesse as novas diretrizes econômicas e sociais, a organização da escola secundária popular e a criação de instituições de psicotécnica e orientação profissional.

Dessa forma, percebo que já havia um movimento preocupado com a forma que se encontrava a educação naquele momento. Esse movimento foi significativo no que diz respeito à finalidade da escola, da função do educador, da função da OE na escola, dos alunos, da família, da comunidade e de toda sociedade.

Outros aspectos apontados por Grinspun (2011) relacionados ao Manifesto dos Pioneiros foi que após alguns anos da divulgação do mesmo, a Associação Brasileira de Educação (ABE) ofereceu um curso de extensão sobre Orientação Educacional, aberto a professores interessados em realizar Orientação Educacional. Nesse curso, que teve como professores, dentre outros, Lourenço Filho, Capanema, Faria Góes e Abgar Renault, sendo discutidos os aspectos teóricos e técnicos da Orientação Educacional. Esses intelectuais, posteriormente, seriam os formuladores dos objetivos da Orientação Educacional, bem como da conceituação que aparece nas Leis Orgânicas do Ensino, em 1942.

Grinspun (2011) observa que nessa fase da Orientação Educacional, a própria área não estava clara para os escolavistas, pois não conseguiam avançar nas discussões. Havia de um

modo geral, certa indefinição sobre as funções da Orientação e o papel que deveriam desempenhar nas escolas. A multiplicidade do sentido do que é orientar, a diversidade de interpretação dessa área, com os diferentes campos que a estruturam - orientação vocacional, orientação escolar e outras -, tornam seu conhecimento complexo e instigante.

Em síntese, neste período histórico a função do orientador educacional era através de testes identificarem os “alunos-problema” e ajudá-los a se ajustar conforme os modelos apresentados pela família, pela escola e pela sociedade, como denominados “certos e melhores”. A função era de base comportamentalista. No que diz respeito à aprendizagem, o aluno que teria que se “modificar” no sentido de melhorar o que não estava bom na concepção da sua família, da escola e da sociedade, não considerando que essas próprias variáveis influenciavam diretamente no contexto do sujeito.

Desde o início da implementação da OE fica evidente a necessidade de uma legislação específica para o serviço de orientação e da explicitação das incumbências deste profissional, tendo em vista que essas funcionariam como um eixo norteador que daria base para o trabalho de forma mais clara e qualificada.

2.2 PERÍODO INSTITUCIONAL (1942 A 1960)

Esse período é caracterizado pelo apoio do Brasil aos Aliados na Segunda Guerra Mundial. No ano de 1945, Getúlio Vargas renunciou ao cargo de presidente da república e o General Eurico Gaspar Dutra assume o poder. Em 1951, Getúlio Vargas é eleito por voto popular e retorna ao poder. Nesse mesmo período começa a iniciar um desenvolvimento industrial de base (petroquímica, siderurgia, energia, etc.). Em 1956, há uma expansão industrial baseada nos bens de capital e um aumento de produção e dependência externa.

Grinspun (2008) denominou esse período de institucional por ser o momento em que houve uma exigência legal em relação à Orientação nas escolas brasileiras.

A Educação Brasileira encontrava-se num momento de constituição de algumas instituições e legislações, dentre elas, a Reforma Capanema, que na Lei Orgânica do Ensino Industrial instituiu o Serviço de Orientação Educacional. Conforme descrito no Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942 (BRASIL, 1942), em seu Capítulo XIII, Artigos 50 a 52, a Orientação Educacional é reconhecida na Lei, conforme segue:

Art. 50. Instituir-se-á, em cada escola industrial ou escola técnica, a orientação educacional, que busque, mediante a aplicação de processos pedagógicos adequados, e em face da personalidade de cada aluno, e de seus problemas, não só a necessária correção e encaminhamento, mas ainda a elevação das qualidades morais.

Art. 51. Incumbe também à orientação educacional, nas escolas industriais e escolas técnicas, promover, com o auxílio da direção escolar, a organização e o desenvolvimento, entre os alunos, de instituições escolares, tais como as cooperativas, as revistas e jornais, os clubes ou grêmios, criando, na vida dessas instituições, num regime de autonomia, as condições favoráveis à educação social dos escolares.

Art. 52. Cabe ainda à orientação educacional velar no sentido de que o estudo e o descanso dos alunos decorram em termos da maior conveniência pedagógica.

No artigo 50 aparece pela primeira vez a menção a orientação educacional no que diz respeito à legislação brasileira. Nesse artigo ainda fica evidente a intenção de função moralizadora quando da “elevação das qualidades morais”. Grinspun (2011), afirma que a Orientação Educacional nesta legislação está desvinculada das finalidades do ensino industrial. Nos três artigos há uma ênfase da função da OE na questão da adaptação do aluno e com abordagem comportamentalista.

Fica novamente evidente que nesse momento ainda não analisavam o contexto do aluno num todo, ou seja, não havia uma preocupação em verificar mais a fundo algumas questões como:

- ❖ Qual o contexto histórico, social, cultural, político e econômico daquela localidade?
- ❖ Como é formada a sua família e o como o seu relacionamento com a mesma?
- ❖ Como é o relacionamento com os seus colegas, professores, diretores, funcionários da instituição e a comunidade escolar?

Essas questões poderiam dar indícios a se pensarem sobre as situações que ocorrem no dia-a-dia da escola em que, na maioria dos casos, o aluno é o “alvo”, pois a culpa dos problemas recai sobre o mesmo, e por este motivo o Or.E teria que tomar medidas para correção e encaminhamento desses “alunos-problema”. Ou seja, partia-se somente das características individuais de cada sujeito.

Grinspun (2011) nos aponta que o orientador era considerado como “ajustador”, isto é, cabia a ele ajustar o aluno á escola, á família e á sociedade, a partir de parâmetros eleitos por essas instituições como sendo os de desempenhos satisfatórios.

A autora também nos apresenta dentro desta ótica, que a Orientação Profissional estava num momento propício e assim sendo instituída na Lei Orgânica do Ensino Industrial, em 1942. Grinspun (2011, p.29) aponta dois fatos de grande significado que eclodiram no período que antecedeu a ela:

1º) Em 1939, o governo federal, preocupado com a formação de mão de obra industrial, constituiu uma Comissão Interministerial incumbida de regulamentar o Decreto-lei nº 1.238/39 que dispunha, dentre outros objetivos, sobre cursos profissionalizantes para trabalhadores. Com o conhecimento que o governo tinha dos resultados obtidos pelo Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP), desejava realizar algo semelhante na rede pública.

2º) No mesmo ano, na XXV Sessão da Conferência Internacional do Trabalho, realizada em Genebra (Suíça) onde figurou pela primeira vez a questão do Ensino Técnico e Profissional e Aprendizagem. O Brasil se fez presente, e posteriormente, o governo começou a estimular esse setor.

Ainda sobre as bases legais, na Lei Orgânica do Ensino Secundário, em seu Decreto-lei nº 4.244, de 09 de Abril de 1942 (BRASIL, 1942), no Capítulo VI que trata da Orientação Educacional, afirma-se:

Art. 80. Far-se-á, nos estabelecimentos de ensino secundário, a orientação educacional.

Art. 81. É função da orientação educacional, mediante as necessárias observações, cooperar no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha da sua profissão, ministrando-lhe esclarecimentos e conselhos, sempre em entendimento com a sua família.

Art. 82. Cabe ainda à orientação educacional cooperar com os professores no sentido da boa execução, por parte dos alunos, dos trabalhos escolares, buscarem imprimir segurança e atividade aos trabalhos complementares e velar por que o estudo, a recreação e o descanso dos alunos decorram em condições da maior conveniência pedagógica. [...]

No artigo 80, entendo que se estabelece a etapa do ensino onde o Or.E desenvolverá sua função. No artigo 81 e 82, especifica sua função voltada ao aconselhamento e esclarecendo a respeito dos estudos e da profissão, bem como, com vínculo mais pedagógico, deveria cooperar com o trabalho desenvolvido pelo professor em sala, mas, ainda com foco bastante dirigido à adaptação do aluno.

Comparativamente ao período anterior, foi mantida a concepção de adaptação do aluno com o que a família, a escola e com o que a sociedade esperava. A orientação educacional nesse contexto esteve apoiada na fundamentação psicológica, visando o ajustamento do aluno para desempenhar suas funções profissionais. Ademais, a Orientação foi caminhando em sua trajetória sendo fortalecida agora pelas legislações instituídas.

2.3 PERÍODO TRANSFORMADOR (1961 A 1970)

O período compreendido entre 1961 a 1970 foi assim denominado por Grinspun (2008), pois, “traz uma Orientação Educacional caracterizada como educativa, na Lei nº 4024/61, até a profissionalização dos que atuam nesta área através da Lei 5540/68”.

Nesse período o cenário político brasileiro encontrava-se numa transição para o sistema parlamentarista, com João Goulart no poder. Segundo Costa e Mello (2001), no dia 06 de janeiro de 1963 foi convocado um plebiscito para decidir sobre a manutenção ou não do sistema parlamentar, e o resultado foi à volta ao presidencialismo, que lhe devolvia os poderes retirados em 1961. A partir desse momento foi elaborado pelo Ministério do Planejamento e da Coordenação Econômica um plano trienal, que pretendia combater a inflação e realizar o desenvolvimento econômico, particularmente do setor industrial. Essas medidas levaram ao descontentamento por parte de setores empresariais com a política econômica do governo, ao mesmo tempo em que os movimentos populares pressionavam para que as medidas fossem concretizadas e até ampliadas (COSTA; MELLO, 2001).

Celso Castro (2015) afirma que em 31 de março de 1964 foi desencadeado um golpe militar contra o governo de João Goulart, justificado com intuito de restaurar a disciplina e a hierarquia nas Forças Armadas e impedir a ameaça comunista que segundo eles pairava sobre o Brasil. Para Castro (2015):

Uma ideia fundamental para os golpistas era que a principal ameaça à ordem capitalista e à segurança do país não viria de fora, através de uma guerra tradicional contra exércitos estrangeiros; ela viria de dentro do próprio país, através de brasileiros que atuavam como "inimigos internos" – para usar uma expressão da época. Apesar da insistência de Brizola, João Goulart desistiu de um confronto militar com os golpistas e seguiu para o exílio no Uruguai, de onde só retornaria ao Brasil para ser sepultado em 1976.

Os militares permaneceram por vinte e um anos no poder, nesse tempo houve uma sucessão de governos militares e se instaurou a ditadura, onde o autoritarismo prevaleceu. Foi um período onde havia um controle da estrutura partidária, suspensão dos direitos políticos, controle dos sindicatos e entidades classistas, censura aos meios de comunicação, repressão política, prisões arbitrárias, espancamentos, perseguições, cassações, exílios, pessoas desaparecidas, punições, entre outros (CASTRO, 2015).

Pouco antes do golpe de 1964 teve a aprovação da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1961). Nela

exigia-se a figura do orientador educacional nas escolas. Além disso, explicitava, no Título VIII – Da Orientação Educativa e da Inspeção–, como sua formação deveria ocorrer:

Art. 62. A formação do orientador de educação será feita em cursos especiais que atendam às condições do grau do tipo de ensino e do meio social a que se destinam.

Art. 63. Nas faculdades de filosofia será criado, um curso para a formação de orientadores de educação do ensino médio, curso especial a que terão acesso os licenciados em pedagogia, filosofia, psicologia ou ciências sociais, bem como os diplomados em Educação Física pelas Escolas Superiores de Educação Física e os inspetores federais de ensino todos com estágio mínimo de três anos de magistério.

Art. 64. Os orientadores de educação do ensino primário serão formados nos institutos de educação em curso especial a que terão acesso os diplomados em escolas normais de grau colegial e institutos de educação, com estágio mínimo de três anos no magistério primário. (BRASIL, 1961)

A partir da leitura do texto da LDBEN nº 4.024/1961, pode perceber que a formação estava prevista em lei por meio de “cursos especiais”, onde o profissional atenderia o tipo de ensino e meio social a que se destinaria. Percebe-se que não havia diretrizes específicas para orientar no que diz respeito à especificidade da formação para atuação da área educacional.

Outro fato observado é que a formação não estava diretamente ligada ao curso de graduação em Pedagogia e/ou em nível de pós-graduação, pois ele ainda não estava concebido como formação específica da área da educação (GRINSPUN, 2011). Fica evidente a diferença da formação do orientador educacional no que diz respeito ao nível de educação, pois os que tinham formação em cursos superiores eram destinados a trabalhar com o ensino médio. Já os profissionais formados em escolas normais eram destinados ao ensino primário (BRASIL, 1961).

Quanto ao conteúdo da formação de Or E, Maia e Garcia (1985) afirmam que no Parecer n. 347/62, que fixa o currículo mínimo para o Curso de Orientação Educativa, e pela posterior Resolução, que das nove disciplinas que deveriam compor o curso, quatro eram da área da Psicologia, duas eram referentes à Orientação Profissional, uma a Administração e outra a Estatística.

Neste período ficou mantido o caráter psicológico voltado ao aconselhamento e consequente “ajustamento” do aluno e a formação voltada para atender o mercado industrial e o comércio, onde somente os burgueses tinham acesso ao ensino superior (MAIA; GARCIA, 1985; GRINSPUN, 2008).

Alguns anos depois, em 28 de novembro de 1968, foi instituída a lei nº 5.540, de que alterou a LDBEN de 1961, fixando as normas de organização e funcionamento do ensino

superior e sua articulação com a escola média (BRASIL, 1968). Nela, no capítulo I, intitulado do Ensino Superior, se apresenta como deveria ser a formação dos profissionais da educação, incluindo a do Or E:

Art. 30. A formação de professores para o ensino de segundo grau, de disciplinas gerais ou técnicas, bem como o preparo de especialistas destinadas ao trabalho de planejamento, supervisão, administração, inspeção e orientação no âmbito de escolas e sistemas escolares, far-se-á em nível superior. (BRASIL, 1968)

Aqui posso perceber que houve um avanço em relação à legislação anterior, pois especifica que a formação do orientador tem que ser feita em nível superior. Contudo, não fica definido em qual curso de graduação este será desenvolvido.

No mesmo ano, outra Lei marca a legalização e normatização da OE, com a lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê o exercício da profissão do orientador, educacional conforme segue:

Art. 1º A orientação educacional se destina a assistir ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito das escolas e sistemas escolares de nível médio e primário visando ao desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas.

Art. 2º A orientação educacional será atribuição exclusiva dos profissionais de que trata a presente Lei.

Art. 3º A formação de orientador educacional obedecerá ao disposto nos arts. 62, 63 e 64 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 e aos outros diplomas legais vigentes.

Art. 4º Os diplomas de orientador educacional serão registrados em órgão próprio do Ministério da Educação e Cultura.

Art. 5º Constituem atribuições do orientador educacional além do aconselhamento dos alunos e outras que lhe são peculiares, lecionar as disciplinas das áreas da orientação educacional.

Art. 6º As disposições desta Lei serão regulamentadas pelo Poder Executivo, inclusive para definição do código de ética dos orientadores educacionais. [...] (BRASIL, 1968b)

A lei estabelece que o orientador educacional atenda os alunos a nível médio e primário, individualmente ou em grupo, que a orientação educacional seria uma atribuição exclusiva dos professores, com formação no ensino superior.

Quanto às funções do orientador educacional, este deveria além de aconselhar os alunos, deveria lecionar as disciplinas da área de OE.

A atuação da OE no período da ditadura permaneceu de maneira comportamentalista como os períodos anteriores, o que diferencia dos mesmos é a criação de legislações específicas definindo o tipo de formação e as funções no qual deveriam ser desenvolvidas.

2.4 PERÍODO DISCIPLINADOR (1971 A 1980)

O período disciplinador se deve pelo momento em que o Brasil se encontrava em relação à Ditadura Militar no qual afetaria todos os setores, inclusive a Educação.

Durante a década de 1970, o cenário encontrava-se em estagnação, pois com o aumento do preço do petróleo e a crise fiscal do Estado gerou uma forte pressão sobre o regime militar. Por vezes, provocando grandes problemas na estrutura de apoio político. Segundo Shiroma, Moraes e Evangelista (2002), em decorrência dessas situações buscaram-se uma mudança na forma de condução das políticas sociais inclusive a educação.

Em 11 de Agosto de 1971 foi sancionada a Lei nº 5.692 (BRASIL, 1971) que fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. No capítulo I explicita a obrigatoriedade da orientação educacional nas escolas conforme texto abaixo: “Art. 10. Será instituída obrigatoriamente a Orientação Educacional, incluindo aconselhamento vocacional, em cooperação com os professores, a família e a comunidade”. (BRASIL, 1971, p. 3). É apresentada a obrigatoriedade da orientação educacional, mas com caráter psicológico pautado no aconselhamento vocacional.

Segundo Grinspun (2008) sem a legitimidade de seus objetivos e propósitos por parte dos educadores, essa legislação não garantiu a eficiência de seus resultados. O que se esperava da Orientação nesse sentido era a assistência aos alunos para que eles fizessem suas opções profissionais, de acordo com as necessidades do mercado de trabalho.

Já no capítulo V, intitulado Dos Professores e Especialistas, no artigo 33, que trata da formação dos especialistas, define-se que:

Art. 33. A formação de administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas de educação será feita em curso superior de graduação, com duração plena ou curta, ou de pós-graduação. (BRASIL, 1971, p. 8)

Nesta legislação as funções ainda continuavam as mesmas. Grinspun (2011, p.150) apresenta que o Decreto-lei n. 69.450, de 1 de novembro de 1971, e a Resolução n.2 de 1972 fixaram outras atividades para Orientação Educacional, conforme segue:

Art. 10 A Orientação Educacional constituirá alternativa para as ocasiões de impossibilidade de utilização de áreas ao ar livre, sendo atribuição do professor de educação física a abordagem da problemática de saúde, higiene e aptidão físicas resguardadas as peculiaridades regionais e dos graus de ensino. (BRASIL, 1972)

Contudo, Grinspun (2011) ainda afirma que o Parecer n. 339/72 ressaltou a importância da sondagem das aptidões, com isso reforçando o uso de técnicas apropriadas para o conhecimento das “vocações” dos alunos. Percebo que há uma preocupação pautada com as aptidões, as habilidades, com a vocação do sujeito, mas ainda não se concebe a relevância de pensar num sujeito de forma integral, que necessita de ações a fim de contemplar o seu desenvolvimento.

Grinspun (2011) menciona algumas modificações em relação ao currículo da OE advindas do Parecer CFE n.252/69, que definia como as disciplinas da formação do orientador: Princípios e Métodos de Orientação Educacional e Orientação Vocacional, Estrutura e Funcionamento do Ensino (duas) e Medidas Educacionais. Posso observar que em relação ao Parecer n. 347/62, houve avanços no sentido de as disciplinas serem voltada especificamente à OE.

Outros aspectos apontados pela autora foi que os orientadores educacionais que estavam reunidos no IV Encontro de Orientadores Educacionais, em Belo Horizonte, redigiram o anteprojeto para reformulação da Lei 5.564/68. Esse serviu de base para a formulação do Decreto n. 72.846/73, aprovado em 26/09/1973, regulamentando a Lei n.5.564/68, que proveu o exercício da profissão do orientador educacional. Tal decreto tem 11 artigos, mantém o art. 1º da Lei n. 5.564, atualizando o texto, e ratifica que a Orientação Educacional visa o desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade do aluno (GRINSPUN, 2011).

Corroborando com o que Grinspun (2011, p. 153) nos aponta:

Toda a questão da Orientação Educacional pode ser definida como atendimento ao momento histórico-político no período de sua implantação e desenvolvimento. Em um enfoque psicologista, a Orientação “serviu” mais para o sistema do que para os próprios alunos.

Portanto, é necessário repensar algumas questões relacionadas aos alunos, aos professores, aos orientadores educacionais e a comunidade escolar, no sentido de dialogar e reconstituir o papel da escola. Somente com esse esforço percebo sua função, para quem ela serve e quais são os seus objetivos.

2.5 PERÍODO QUESTIONADOR (1980 a 1990)

Foi nesse momento em que mais se questionou a Orientação Educacional, em relação à formação e prática desempenhada (MAIA; GARCIA, 1985; GRINSPUN, 2008).

Em relação ao cenário político, Saviani (2007, p.412) apresenta que:

A transição que se operou o Brasil se iniciou com a “distensão lenta, gradual e segura” formulada em 1974 no Governo Geisel; e prosseguiu com a “abertura democrática” a partir de 1979 no Governo Figueiredo, desembocando na Nova República em 1985, que guindou a posição de presidente da República o ex-presidente do partido de sustentação do regime militar.

O Brasil estava passando por um período de transição para a democracia, mas a economia do país se encontrava em crise e enfrentou graves problemas com a inflação. Em decorrência, tiveram que suspender o pagamento temporário dos credores estrangeiros e colocar em prática alguns planos para combater a crise. Apesar de todos os problemas, nesse período houve alguns avanços políticos importantes conforme segue:

[...] a convocação de uma assembleia constituinte, a promulgação de uma nova Constituição, o estabelecimento de eleições diretas em todos os níveis e a legalização de partidos políticos de qualquer tendência inclusive comunistas e socialistas. (COSTA; MELLO, 2001, p. 394)

Segundo Grinspun (2011), a década de 1980, é um período onde aconteceu uma série de eventos da categoria que buscava uma identidade para o orientador, mas enquanto Pedagogo. Estavam cientes da realidade educacional brasileira e comprometidos com as transformações que estavam ocorrendo na nossa sociedade, em especial, com a defesa da escola pública de qualidade. Assim o orientador passou a conceber o aluno como um sujeito histórico, crítico e social.

Segundo Grinspun (2011), as abordagens educacionais vigentes na época e as leituras feitas, eram principalmente de autores como Bourdieu, Passeron, Establet, Althusser e Snyders, entre outros. Estes encaminhavam à reflexão sobre educação para outros níveis, indo além do simples fornecimento de escolaridade aos alunos. A questão da escola como reprodutora do sistema social começou a ter uma repercussão muito grande em nossa realidade, A Escola passou a ser questionada quanto a seus objetivos e propósitos e a exclusão social ganhou espaço em termos de discussão e reflexão.

Para Grinspun (2011), na realidade houve uma mudança no discurso, mas na prática não conseguiu acompanhar tal “transformação”. Pois nesse período os orientadores fazem uma reflexão mais profunda em relação ao seu papel social, mas ocorre uma grande ambiguidade evidenciada na seguinte questão: enquanto categoria os mesmos criticavam a Lei nº 5.692/71, contudo ainda solicitavam ao MEC que tomassem providências para o cumprimento do artigo desta lei.

Esse período pode ser considerado como imprescindível pelo fato das modificações promovidas, no sentido de provocar dúvidas a respeito de algumas questões-chave para a educação como: Por que e para quê fazemos Educação? O que une os profissionais da educação e o que pretendemos com nossa ação educativa? Por que e para quê realiza-se Orientação nas escolas? Que contribuições pode a Orientação oferecer para a melhoria na qualidade de ensino, para democratização da escola? Desta forma, toda essa instabilidade fez com que se repensasse sobre aquilo que se tinha como paradigma.

Nesse sentido, procurou-se compreender a realidade do aluno como um todo, ou seja, trazer algumas questões que vão além dos muros da escola, para assim entender e orientar no sentido de auxiliar na melhoria do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Em outras palavras, no campo do discurso político, buscaram compreender a realidade do aluno para além da dimensão individual, analisando a realidade do dia-a-dia.

Na compreensão de Grinspun (2011, p. 54):

A Orientação Educacional procura compreender a teoria e a prática em uma relação de mutualidade, de dependência e de reciprocidade. Busca a Orientação, ajudar na construção de uma prática emancipatória, tendo, na teoria, a função de mediação. Essa junção – dialeticamente conduzida – é o que vai promover o estatuto da Orientação Educacional, que parte do cotidiano escolar para o conhecimento de sua realidade, busca o fundamento teórico e retoma ao cotidiano, para melhor conhecimento e avaliação e posteriormente nele intervir.

Grinspun (2011) nos aponta que o fazer dos orientadores tem a ver com político e pedagógico, e o fazer dos orientadores tem a ver com este novo momento vivido. Desta forma, a prática foi sendo diferenciada de acordo com as possibilidades do orientador e com os espaços conquistados.

Tal constatação nos revela que a prática da Orientação estava debruçada nesta concepção de educação como um ato político, como uma instituição que está intrinsecamente relacionada com as mudanças ocorridas no próprio núcleo da sociedade.

Grinspun (2011) nos revela que se discutia nesse período, mais do que nunca a questão do trabalho, não pelo caminho da sondagem de aptidões individuais, mas pelas questões sociais, de suas desigualdades, do significado do próprio trabalho. Os orientadores começaram a discutir e compreender como ocorrem as opções pessoais e profissionais, do ponto de vista da sociedade e da própria escolha do indivíduo. Tais questionamentos e autocrítica gerou mudanças práticas na atuação da OE, que começaram a trabalhar de forma mais integrada com os demais membros da comunidade escolar.

A década de 1980 se caracterizou também, como um período com significativa ampliação da produção acadêmica na área da Orientação, em uma dimensão mais crítica e questionadora. O papel do orientador estaria relacionado com a mudança social, através do questionamento do modo de perceber o mundo, da valorização dos conteúdos, que serão transmitidos aos alunos, como instrumentos que lhes permitam transformar a sociedade (GRINSPUN, 2011).

Grinspun (2011) afirma que durante o Congresso de 1988, a Federação Nacional de Orientadores Educacionais (FENOE) se filiou à Central Única dos Trabalhadores e, posteriormente, integrou-se à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

Quanto à formação, o curso de Pedagogia, na habilitação da Orientação Educacional, nas décadas de 1960, 1970 até meados de 1980, ainda apresentava uma expressiva fundamentação psicológica privilegiando pouca a dimensão pedagógica na formação do Orientador.

Em síntese, Grinspun (2011) afirma que por seu movimento histórico, político e econômico, a década de 1980 apresentou grandes mudanças, avanços, recuos e contradições. E os orientadores através de seus órgãos começaram a buscar respostas as suas indagações, a partir dos questionamentos sociais. Esse período representa um marco da preocupação da OE dos impactos do seu trabalho com a questão pedagógica, portanto, com o desenvolvimento dos discentes de forma integral.

2.6 PERÍODO ORIENTADOR (A PARTIR DE 1990)

A partir do momento que Fernando Collor de Mello assumiu a presidência do Brasil na década de 1990, ele criou um plano econômico para combater a inflação, mas com essa medida veio um bloqueio em relação aos depósitos bancários e se estabeleceu o congelamento dos preços e de salários. Esses problemas conduziram o país a uma instabilidade política e econômica (COSTA; MELLO, 2001).

Durante esse período, houve acusações do envolvimento do presidente em um esquema de corrupção e foi criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as denúncias contra o governo e de alguns de seus ministros e assessores. O relatório final da CPI apontou irregularidades cometidas pelo Paulo César Farias ex-tesoureiro da campanha presidencial e que esse ainda mantinha vínculo com o governo. Assim se instaurou um processo de *impeachment* contra Collor, e a população apoiou a decisão indo às ruas, e entre eles haviam muitos estudantes que ficaram conhecidos como os “caras pintadas” (COSTA; MELLO, 2001).

De acordo com Grinspun, este período é denominado orientador por acreditar que, principalmente a partir de 1990, temos a “orientação” da Orientação Educacional pretendida. Os fatores que nos mostram um novo momento vivido por esta área: houve extinção de Federação Nacional de Orientação Educacional (FENOE); houve uma tentativa de unificação dos trabalhadores de educação, engajando-os em uma entidade nacional – a Confederação Nacional de Trabalhadores da Educação (CNTE) (GRINSPUN, 2008).

No atual contexto, acontece a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro, que, em seu Capítulo V, no Título VI Dos profissionais da educação, no Art. 64, afirma-se que:

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e **orientação educacional** para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (BRASIL, 1996, p. 23)

Percebo que ao longo da trajetória da orientação educacional, ocorreram diversas mudanças nas legislações. Desta forma, cada vez mais foi sendo exigida a formação específica para desempenhar a função de Or.E, com isso os próprios Or E, os alunos e, conseqüentemente, a escola “ganhou” no sentido da qualidade.

Entretanto, as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, instituídas pela Resolução CNE/CP n.º 1, de 15 de Maio de 2006 (BRASIL, 2006), consagram a identidade do Pedagogo como profissional da docência da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental e fazem a seguinte referência à questão da Orientação: “Art. 10. As habilitações em cursos de Pedagogia atualmente existentes entrarão em regime de extinção, a partir do período letivo seguinte à publicação desta Resolução” (BRASIL, 2006, p. 23). Apesar disso, a mesma Resolução, em conformidade com a LDBEN de 1996, garante que a formação do Or.E e dos demais especialistas pode ocorrer no Curso de Pedagogia ou em pós-graduação. A dúvida que paira é como ela ocorrerá, sendo que não poderá mais ser como habilitação.

Desta forma, observa-se a disparidade entre as legislações supracitadas, pois acredito que ambas deveriam estar consoantes num objeto comum, para desta forma atingir as finalidades para com a educação.

Todas essas questões nos fazem refletir sobre os fatores que compõem o cotidiano escolar, revelando que tudo o que acontece no dia-a-dia da instituição traduz a efetiva prática social. Assim, o orientador pode contribuir no sentido de ajudar a pensar a respeito sobre as questões que envolvem os sujeitos e o espaço escolar, no sentido de compreender, avaliar, dialogar e resignificar esse processo para que alcance as finalidades almejadas pelos sujeitos, portanto, atores desse processo no qual estão comprometidos com a melhoria da qualidade da educação dentro da instituição de ensino.

Por fim, posso perceber que a orientação ao longo do tempo teve mudanças no sentido de como era concebido a figura do orientador e de seu papel dentro da escola. A sua função passou do caráter “psicologizante” até chegar aos moldes no qual conheço tendo foco do seu trabalho no aluno e contribuindo para a sua aprendizagem, além da construção de um trabalho coletivo juntos aos demais profissionais da instituição.

3 O TRABALHO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Nessa seção apresentarei o resultado das entrevistas realizadas com três orientadores educacionais, sendo um da rede municipal de Florianópolis e dois da rede federal de ensino. Buscou-se nessas entrevistas compreender o papel desse profissional nas instituições de ensino, particularmente quanto ao processo de ensino e aprendizagem. Para entender essa problemática foram feitos alguns questionamentos visando conhecer os entrevistados e suas perspectivas quanto à profissão, tais como: sua formação, os motivos da escolha por essa profissão, experiências profissionais, o que entende por OE e qual a sua importância, características que consideram importante para serem um bom orientador, funções desempenhadas, limites e possibilidades no desempenho da função, entre outros.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, com duração, em média, de duas horas, num diálogo no qual me apresentei, explicito o objetivo da pesquisa, entreguei a entrevista estruturada, composta por sete questões⁴, e momentos em que os entrevistados respondiam a cada uma delas e conversávamos sobre outros aspectos relacionados à profissão. Os três entrevistados, apesar das diferenças quanto à idade, formação em tempos históricos distintos, principalmente de um deles, grau de titulação e experiências profissionais, as respostas e a perspectiva quanto ao olhar sobre a orientação convergiram e, em muitos momentos, se complementaram, apesar de não terem explicitado em todas as questões as mesmas respostas, conforme mostrarei ao longo dessa seção.

Além da exposição do resultado dessas entrevistas serão apresentadas algumas legislações a respeito da profissão no âmbito federal, particularmente, bem como fundamentação com autores da área que discutem o assunto. O objetivo de utilizar essas legislações foi o de fundamentar legalmente, comparar as determinações legais com as argumentações dos entrevistados e complementares às atribuições desse profissional no Brasil.

Esta seção foi organizada em seis subtítulos: apresentação dos entrevistados explicitando qual a formação, os motivos que o levaram a escolher a profissão, as experiências profissionais e onde trabalham atualmente; o que entendem por orientação educacional, apresentando qual a importância desse profissional nas escolas, além das

⁴ Modelo da entrevista realizada está disponibilizada no apêndice A.

características que os entrevistados julgam necessário para ser um bom profissional; atribuições dessa profissão de acordo com os entrevistados e as legislações, além de um panorama das funções em outros estados; o papel do orientador no processo de ensino e aprendizagem; a importância do planejamento e; limites e possibilidades do trabalho da orientação.

3.1 APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Como mencionado, foram entrevistados três orientadores educacionais que atuam em instituições de ensino públicas em Florianópolis. O primeiro entrevistado, doravante denominado de entrevistado 1, possui graduação em Pedagogia, com habilitação em Orientação Educacional, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestrado em Antropologia Ibero-americana pela *Universidad de Salamanca* (USAL), Espanha e Doutorado em Antropologia Social nesta mesma Instituição. Nessas duas últimas formações ambos não foram desenvolvidos na área da orientação educacional. Quanto à atuação profissional, o mesmo possui vasta experiência na área de educação e antropologia bem como, na de política educacional, ciências da religião e meio ambiente.

Por ter passado grande parte da sua vida dentro da escola, em virtude de que sua avó era servente de um colégio no interior, e sua mãe professora primária, acabou contribuindo para a escolha de sua profissão. Comenta que trabalha na educação com muito prazer e muito carinho.

O entrevistado 1 possui trinta anos de experiência na orientação educacional e teve a oportunidade de trabalhar em diversas realidades, tanto públicas quanto privadas, perpassando por diversas funções como Reitor em um centro universitário, membro do Conselho Estadual de Educação (CEE), Superintendente da Fundação Educacional, Professor do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e do Instituto Estadual de Educação de Santa Catarina (IEE). Atualmente é orientador educacional de um Colégio Federal que atende Ensino Fundamental e Médio.

O segundo entrevistado, identificado como entrevistado 2 possui graduação em Pedagogia, também pela UDESC, com Habilitação em Orientação Educacional e atualmente se encontra no mestrado em educação na mesma instituição, não sendo desenvolvido na área da orientação educacional.

Quanto à escolha pela profissão, este entrevistado relatou que tinha interesse em desenvolver a sua formação nas ciências humanas, mas não sabia em qual. Segundo seu relato, por seus pais serem pedagogos Or E, por muito tempo se negou a fazer a graduação em Pedagogia. Mas, após ter abandonado outros dois cursos, resolveu cursar Pedagogia influenciada pela existência da filha de um ano de idade. Descreveu que já sentia impellido a se envolver com aquilo o máximo possível relatando que:

“Hoje sou muito apaixonado pelo o que faço e digo que não poderia ter feito melhor escolha e sempre tive clareza que eu não queria estar sala de aula como professor, e estou na OE por lidar com a formação do sujeito de outra perspectiva em relação ao desenvolvimento e ao processo de ensino-aprendizagem.” (Entrevistado 2)

Atualmente, é funcionário efetivo na função de orientador numa instituição federal, localizada no município de Florianópolis. Antes desta experiência, o mesmo não havia atuado na OE, a não ser na época em que fez o estágio obrigatório da graduação. O entrevistado ainda aponta que a experiência do estágio *“Foi uma experiência rica e hoje podendo estar como Or.E no espaço e com os profissionais em que eu estagiei é para mim uma satisfação, porque significa que o local que me formou hoje me acolhe como profissional”*(Entrevistado2).

Por sua vez, o terceiro entrevistado também se formou na mesma graduação dos anteriores e pela mesma instituição. Não possui formação em pós-graduação. O entrevistado relata que sua escolha foi realizada durante o curso a partir da ajuda de suas colegas, que juntas desenvolveram o trabalho de conclusão de curso e também com a ajuda de alguns professores. Além disso, apontou o interesse em trabalhar diretamente com os alunos e com as famílias, por ser algo que ele gosta. Apontou que especificamente como Or.Eo mesmo não havia atuado anteriormente, e que a sua experiência é a partir do que foi desenvolvido o estágio obrigatório da graduação, tendo pouco mais de um ano de experiência como funcionário público municipal, numa escola que atende Ensino Fundamental.

3.1.1 Caracterização das instituições onde atuam os entrevistados

Dos três entrevistados os dois primeiros atuam numa instituição de ensino pública federal, localizada no município de Florianópolis, no qual atende 950 alunos do Ensino Fundamental ao Médio, divididos em 38 turmas. As turmas estão organizadas da seguinte forma: do 1º ao 9º ano são três turmas em cada ano, totalizando 27 turmas. O 1º e 2º ano do ensino médio são 4 turmas por ano totalizando 8 turmas e o 3º ano do ensino médio são três turmas.

A instituição possui 93 professores e sete orientadores educacionais, que possuem salas próprias para desenvolver seus trabalhos. Além disso, possui outros profissionais como: psicólogo, pedagogos da educação especial, enfermeiro, nutricionista, assistente social, diretor geral, diretor de ensino, secretário, técnico-administrativos, supervisores e orientadores.

A escola possui nove salas de anos iniciais, 12 de anos finais e ensino médio, dois miniauditórios, um auditório, 12 laboratórios sendo das disciplinas de (informática, física, biologia, química, geografia, educação física, linguagens, francês, alemão, inglês e espanhol), uma sala dos professores, um refeitório, uma sala dos orientadores educacionais, uma sala dos supervisores escolares, duas sala de direção, uma sala de secretaria, uma sala de coordenação de comunicação, uma sala de coordenação administrativa, uma sala de coordenação de estágios, três salas da coordenação de ensino (anos iniciais, fundamental e médio), uma sala do núcleo de acessibilidade, uma sala da psicologia, um consultório de enfermagem e um consultório de odontologia.

Além disso, a escola possui um parque, uma sala de arquivo, uma brinquedoteca, uma biblioteca, duas salas de música, duas salas de teatro, uma sala de dança, cinco salas para os projetos, duas salas de artes equipadas com materiais necessários à disciplina, duas sala com mesas e bancos para uso geral, um campo de areia, uma quadra, dois pátios cobertos.

A segunda instituição é pública e se trata de uma escola básica municipal de Florianópolis, sendo a segunda mais antiga da rede e maior escola em termos de estrutura física. Esta atende o público do Ensino Fundamental, tendo 725 alunos, divididos em 24 turmas. Sendo 324 alunos divididos em doze turmas do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º ano são 401 alunos divididos em 12 turmas.

Esta escola possui 76 professores, sendo 18 professores nos anos iniciais, oito professores de língua portuguesa, três professores de matemática, quatro professores de geografia, três professores de história, cinco professores de ciências, oito professores de artes, seis professores de língua inglesa, oito de educação física e 13 professores auxiliares de ensino.

Além dos professores, a escola possui outros profissionais como dois professores que trabalham na sala multimeios que atende todas as crianças com necessidades especiais do norte da ilha, uma bibliotecária, duas secretárias, duas supervisoras, duas orientadoras educacionais, 10 funcionários da limpeza e cinco cozinheiras. Cada orientador tem, em média, 400 alunos sob sua responsabilidade e dividem o espaço com os supervisores e administradores. A escola tem projetos no contraturno como apoio pedagógico, vôlei, capoeira, entre outros.

A estrutura física da escola possui salas de aulas, biblioteca, sala de artes, refeitório, laboratório de ciências, sala de informática, secretaria, direção, sala dos professores, um ginásio interditado para obras e duas quadras.

3.2 A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E SUA IMPORTÂNCIA

A orientação ao longo do tempo sofreu alterações em seu significado, pois em cada momento histórico havia uma abordagem conceitual, uma legislação específica, e ainda a influência dos fatores sócio-econômicos e políticos.

Inicialmente a orientação foi caracterizada pelo aconselhamento, onde o seu trabalho era voltado a conhecer as características individuais e identificar as aptidões para determinadas funções para posterior ingresso no mercado de trabalho. Posteriormente, seu trabalho foi baseado na correção e no encaminhamento dos “alunos problema”. Portanto, posso compreender que até esse momento a orientação foi concebida pelo caráter psicológico, vocacional, terapêutico e corretivo.

De acordo com Grinspun (2011, p.31), a orientação, paulatinamente, passou a ter um novo papel, sendo que,

O orientador, que já havia sido concebido como um agente de mudança, um terapeuta que deveria rogerianamente atender os alunos-problemas, um “psicólogo” que só deveria trabalhar as relações interpessoais dentro da escola, um facilitador da aprendizagem, vai, pouco a pouco, deixando essas funções/denominações para assumir, com mais competência técnica, seu compromisso político na e com ela. (GRINSPUN, 2011, p.31)

Assim, hoje a orientação passa a centrar seu trabalho nas necessidades do aluno, buscando sempre estar em diálogo com os pais e professores para auxiliar no processo de desenvolvimento do aluno e para que a escola cumpra sua função. Além disso, passa a conhecer e compreender a realidade do aluno, com intuito de entender os fatores que influenciam na sua aprendizagem. Conforme Grinspun (2011, p. 35):

A Orientação, hoje, caracteriza-se por um trabalho muito mais abrangente, no sentido de sua dimensão pedagógica. Possui caráter mediador junto aos demais educadores, atuando com todos os protagonistas da escola no resgate de uma ação mais efetiva e de uma educação de qualidade nas escolas. O orientador está comprometido com a formação da cidadania dos alunos, considerando, em especial, o caráter da formação da subjetividade. Da ênfase anterior à orientação individual, reforça-se, hoje, o enfoque coletivo (a construção coletiva da escola e da própria sociedade), sem, entretanto, perder de vista que esse coletivo é composto por pessoas, que devem pensar e agir a partir de questões contextuais, envolvendo tanto contradições e

conflitos, como realizações bem sucedidas. Busca-se conhecer a realidade e transformá-la, para que seja mais justa e humana.

Portanto, entendo que o orientador educacional é um facilitador no processo de ensino aprendizagem. Assim a partir das relações que o mesmo desenvolve com os alunos, familiares e professores, ele auxilia para que se efetive este processo. Isso pode ser identificado nos relatos dos entrevistados 1 e 2, conforme mostro abaixo:

“O orientador educacional é um facilitador do processo de ensino aprendizagem, então ele trabalha com dinâmicas na própria escola como também envolve a família nesse processo, a própria direção da escola, bem como toda a comunidade escolar. E o orientador ele é um mediador, ele é um facilitador dessas relações”. (Entrevistado 1)

“Eu acredito que seja uma profissão que se objetiva antes de tudo facilitar, propiciar, mediar à construção da melhor forma possível do processo de ensino-aprendizagem para os discentes isso em parceria com a comunidade escolar.” (Entrevistado 2)

Além disso, compreendi a partir do relato dos três entrevistados que este profissional deve orientar o aluno para que ele seja sujeito da sua própria aprendizagem, pois é necessário que, além de aprender, ele deva discutir e desmistificar a escola. Nesse sentido, apresento como exemplo o relato do entrevistado 1:

“O meu papel com o aluno é mostrar que ele está num momento da sua vida que ele está na escola para aprender, para discutir, para desmistificar a escola, mostrar para ele que ele é sujeito da aprendizagem, que a aprendizagem depende dele, e daí diante da realidade dele nos vamos estudar porque ele não aprendeu, se é um problema nas relações familiares, se é um problema na dinâmica da escola, ele não se relaciona com os amigos”. (Entrevistado 1)

Contudo, ocorrem casos específicos em que a aprendizagem pode estar comprometida, sendo necessária ajuda de um profissional de outra área. Muitas vezes essa mediação é feita pelo Or E, ajudando professores, família e alunos a buscarem garantir a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

Além disso, os entrevistados 1 e 2 compreendem que Or.E deve municiar o professor com informações a respeito do aluno e, ao mesmo tempo, orientar o professor quanto às técnicas, dinâmicas e que ele entenda o processo de avaliação para trabalhar com os alunos. Nesta ótica, o entrevistado 1 nos aponta que:

“Muitas vezes você acredita que o conteúdo foi ensinado, mas muitas vezes os alunos não adquiriram o conhecimento, portanto, não houve a aprendizagem, a culpa não é só do aluno, nós temos que discutir os

processos de avaliação, nós temos que discutir esse currículo, nós temos que entender muito de currículo e avaliação, até para sermos um facilitador para o professor”. (Entrevistado 1)

Segundo Lück (2009, p.99): “a orientação educacional é um processo cooperativo e integrado em que todos os educadores, em especial o professor, assumem papel ativo e de relevância.” Na mesma direção, Ferreira (2012, p. 12) nos apresenta que:

O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender. Cabe ao Orientador Educacional, junto com o Coordenador Pedagógico, oportunizar momentos para a discussão e a descoberta destas estratégias.

Desta forma, compreendo que o Or.E deve dar assistência ao professor no sentido de propiciar todos os conhecimentos e as ferramentas necessárias para ajudar no desenvolvimento da prática dos professores com qualidade.

Segundo o entrevistado 3, o Or.E é um profissional indispensável na escola, e isso fica visível principalmente nas situações quando não temos o mesmo na instituição. O entrevistado ainda afirma que:

“O Orientador educacional é profissional extremamente importante e indispensável na escola, nós observamos isso principalmente quando não temos esse profissional, ou quando o mesmo tem um quadro reduzido, ou até mesmo quando tem um profissional da área exercendo essa função.” (Entrevistado 3)

Para Giacaglia e Penteado (2006 apud OLIVEIRA, SOUZA et al., 2011, p.61) a importância desse profissional dentro das escolas se deve pelo compromisso com o,

[...] desenvolvimento integral do aluno: física, intelectual, social, emocional, moral, vocacional e profissional, percebeu-se a necessidade de um profissional que atendesse e orientasse os alunos, entendendo, que a escola não mais atua na transmissão do saber científico, mas também no desenvolvimento social e cultural de seus educandos. Mediante essa interação que está além do ensino-aprendizagem surge o papel do orientador educacional que tem como objetivo orientar o aluno no conhecimento pessoal e do ambiente sociocultural onde está inserido, a fim de que este tome decisões acertadas e reflexivas mediante ao seu desenvolvimento pessoal e social

A partir do que foi exposto acima, entendo a importância do Or.E nesse processo, e acredito que é essencial ter esse profissional nas instituições de ensino pelo trabalho que ele desenvolve através das suas atribuições, pois ele contribui para a melhoria da dinâmica e organização dos elementos que envolvem o processo educativo.

Em seguida, abordarei as características necessárias para desenvolver um bom trabalho como orientador educacional dentro de uma instituição de ensino.

3.2.1 Características recomendadas para um orientador educacional

Inicialmente para desenvolver um bom trabalho como orientador educacional os entrevistados 1 e 3 entendem que para trabalhar na educação temos que gostar de educação, conforme exemplo do entrevistado 1: *“Parto do princípio quem quer trabalhar na educação tem que gostar de educação”*. Desta forma, entendo que fica difícil ter motivação dentro de uma área pela qual não gosto e não tenho o mínimo de interesse e que não me satisfaça profissionalmente.

Além disso, os entrevistados 1 e 3 apresentam que é necessário o orientador educacional ter uma boa formação. Dentro desta ótica, apresento como exemplo o relato do entrevistado 3: *“O orientador educacional tem que ser alguém engajado nas questões educacionais, ele tem que gostar de educação, ter a formação”*. Nesse sentido, compreendo que é necessário buscar uma boa formação, para termos clareza de nosso papel, das nossas atribuições e desenvolver as nossas funções da melhor forma possível. Além disso, auxiliar os professores, principalmente no que diz respeito à metodologia, à didática, o planejamento, o registro, a reflexão e a importância de ter compromisso com uma formação crítica e de qualidade.

Os entrevistados 1 e 2 apontam ainda que é necessário ter uma formação continuada, conforme relatado pelo Or.E1: *“O profissional da orientação sempre tem que buscar estar em constante formação”*. Por isso, concordo com o exposto e compreendo que esta aperfeiçoará os conhecimentos teóricos e, conseqüentemente, a prática. Sobre isso, Martiniano (2010, p.28) afirma que:

A Formação Continuada dos Profissionais da educação é uma necessidade para atender às exigências do cotidiano do seu exercício profissional, às solicitações dos estudantes e da sociedade no geral. Contudo, para construir conhecimentos sobre ela, e transformar as práticas cotidianas dos professores, requer-se a criação de espaço para o estudo, análise e socialização da formação continuada dos próprios docentes. Os professores no cotidiano escolar com o tempo e as diversas situações sociais, políticas, e econômicas rotinizam suas práticas, sendo necessárias para transformá-las, construir novas relações de espaços, tempos, pessoas e conhecimentos, tanto os do cotidiano como os universalmente sistematizados.

O entrevistado 2 afirma que o “*Or E deve acreditar que pela educação e diálogo as coisas melhoram em nossa sociedade.*”. Acredito que a educação escolar ajuda as pessoas a começar a entender o funcionamento da sociedade e que somos sujeitos pertencentes a ela, devendo participar efetivamente da sua melhoria. Além disso, é a partir do diálogo que conseguiremos resolver as situações em nosso cotidiano. Para o mesmo orientador, “*Temos que estar preocupados com a formação crítica e acreditar que pela educação e pelo diálogo que as coisas acontecem na sociedade para o bem*”. Defendeu ainda que é importante que as crianças, jovens e adultos tenham uma formação crítica no sentido de analisar e refletir tudo sobre o que lhe é colocado e a partir disso formar uma opinião a respeito.

Os entrevistados 1 e 2 apontam a importância da reflexão em todos os momentos da nossa prática. Nesse sentido, apresento como exemplo a fala do entrevistado 2: “*Que devemos planejar, executar e isso já implica em reflexão no tempo todo*” (Entrevistado 2).

Nesse sentido, Pasinato (2012, p.3) nos apresenta que:

Uma qualidade importante do orientador é a reflexão, pois quando este adota uma atitude de busca mais rigorosa, de pesquisa, de avaliação, de aperfeiçoamento permanente, faz o esforço da autocrítica, o que permite desfazer-se, tanto das dúvidas quanto das falsas justificações e representações. É, ainda, criativo, porque dá segurança na escolha de opções e, conseqüentemente, maiores possibilidades de suas realizações.

Por sua vez, Carabetta-Júnior (2010, p.581) ainda complementa expondo que:

A reflexão, como a capacidade de se voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção, supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e suas representações, as próprias intenções e o próprio processo de conhecer. Neste sentido, um olhar crítico e reflexivo para a realidade educacional torna-se essencial para desvelarmos situações e caminhos que possam ser contornados com maior segurança, efetividade e sem constrangimentos, objetivando um crescimento pessoal e profissional.

Outra característica necessária para ser um bom Or E, segundo relato do entrevistado 3, é saber trabalhar em equipe. Acredito que isso seja importante devido ao fato que esse profissional desenvolve suas atribuições em parte individualmente, mas, majoritariamente, no coletivo, sendo que todas vão ser ao fim do processo analisadas, refletidas, avaliadas e planejadas em conjunto. Partindo desta ótica, Lück (2009, p.99) afirma que,

A Orientação Educacional é um processo cooperativo e integrado em que todos os educadores, em especial o professor, assume o papel ativo e de

relevância. Nesse sentido, o plano de ação deve demonstrar: O trabalho integrado e cooperativo entre professores, direção, especialistas em educação, pais e orientadores educacionais.

Devemos estar juntos nos momentos de luta, buscando o reconhecimento e a valorização, pois a cada dia temos menos Or.E sendo formados, conseqüentemente menos espaço no mercado de trabalho. Nas entrevistas com os orientadores 1 e 2 essa questão é abordada, como pode ser visto, por exemplo, na passagem que segue:

“O Orientador Educacional tem que saber que vai ser um profissional muito exigido e pouco reconhecido, nós temos que buscar a valorização, com as nossas reflexões, participar dos momentos de luta”. (Entrevistado1)

Todas as características supracitadas envolvem o âmbito de formação deste profissional. Entretanto, existem algumas pessoais que são relevantes para desenvolver as atribuições, sendo elas: ser organizado (indicada pelos entrevistados 2 e 3), saber escutar (entrevistado 3), compreender o outro (entrevistado 2), ter paciência (entrevistado 3), ser empático (entrevistado 2), plural⁵ (entrevistado 2), ter cuidado com o outro (entrevistado 2), estar aberto para esse processo de doação (entrevistado 1), ter compromisso com o que faz (entrevistados 2 e 3), entre outras.

Além das características mencionadas, encontrei outras indicações na produção da área, sendo elas: organização (LÜCK, 2009), responsabilidade (FERREIRA, 2012), atuar com ética (FERREIRA, 2012; PASCOAL, 2005/2006), discrição, sigilo (FERREIRA, 2012; PASCOAL, 2005/2006), solidariedade (FERREIRA, 2012), criatividade (FERREIRA, 2012), ser dinâmico (FERREIRA, 2012), bom senso (PASCOAL, 2005/2006), cuidado com emissão de juízo de valores (PASCOAL, 2005/2006), saber desenvolver um trabalho integrado e cooperativo com a comunidade escolar (LÜCK, 2009).

Estas características juntamente com as citadas acima auxiliam no desenvolvimento das atribuições do Or.E e permitem ainda que seja feito um trabalho com qualidade, e conseqüentemente auxiliam no melhor desempenho das suas atribuições.

⁵ Segundo o entrevistado 2, é saber trabalhar com diversos tipos de sujeitos tendo em vista que cada um possui as suas próprias características, costumes e cultura.

3.3 FUNÇÕES DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

Nas seções anteriores conseguimos compreender a importância de uma instituição de ensino ter um orientador educacional, de gostar de educação, de ter uma boa formação e as características necessárias para desempenhar um bom trabalho. Mas, além disso, é essencial que o profissional tenha clareza de suas atribuições, pois têm aqueles que por desconhecimento das suas funções não as desenvolvem, e ainda se ocupam de outras que não cabe ao seu cargo.

Encontrei muitas funções descritas por autores da área, mas percebo que havia diferença de uma para a outra, ou seja, havia poucas características em comuns entre os autores. Além disso, muitas eram trazidas por um autor e não encontrado em outro. Acredito que isso acaba dificultando a formação dos Or E.

Além das diferenças na produção da área, observei problemas em documentos oficiais, como Leis que tratam da OE, pois nessas estão descritas poucas funções e, além disso, estão desatualizadas para o contexto histórico atual.

Quanto às funções da OE para os entrevistados, apresento o quadro abaixo, que foi desenvolvido a partir das entrevistas. Ao localizar as atribuições descrevi numa coluna todas as vinte e duas funções indicadas pelos mesmos e ao lado coloquei três colunas, uma para cada orientador, para apresentar as características que cada um apontou individualmente, e também para visualizarmos as atribuições em comuns entre eles. Percebi que esse formato auxiliaria na melhor compreensão dos leitores.

Quadro 1 – Lista de funções do Or.E numa instituição de ensino conforme os entrevistados, 2015.

	Funções da OE	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
1	Facilitar o processo de ensino e aprendizagem	X	X	X
2	Participar do processo de reforma curricular	X	X	
3	Participar de reunião de setor de OE	X	X	
4	Planejar sua atuação individual e em setor por prioridade e período de tempo	X	X	x
5	Atendimento individual com os alunos	X	X	X
6	Participar do Colegiado da Escola	X		
7	Acompanhar a prática diária dos alunos	X		
8	Participar de reunião por turma com cada professor	X		
9	Participar dos Conselhos de Classe	X		
10	Municar o professor com informações a respeito dos alunos	X		
11	Auxiliar os professores quanto à metodologia, didática e avaliação	X		

12	Atendimento aos pais	X	X	X
13	Fazer encaminhamento para outros profissionais como: Médico, psicólogo e fonoaudiólogo, etc.	X		X
14	Articular as relações com a comunidade escolar	X	X	
15	Fazer um cronograma para atender a demanda tarefas		X	
16	Ter um registro próprio do que foi feito com aluno ou turma		X	
17	Registrar o atendimento individual e por turma para escola		X	X
18	Ajudar na construção e nas alterações do PPP			X
19	Auxiliar na criação e no desenvolvimento de projetos na escola	X		X
20	Realizar o controle da frequência dos alunos			X
21	Acompanhar a entrega de boletins			X
22	Acompanhar a avaliação das professoras			X

Fonte: produção própria a partir das entrevistas realizadas.

Foram descritas vinte e duas funções da OE pelos entrevistados. Dessas foram indicadas quinze pelo entrevistado 1, dez pelo entrevistado 2 e onze pelo entrevistado 3. Somente foram indicadas quatro funções em comum pelos três entrevistados, sendo elas: Facilitar o processo de ensino aprendizagem, planejar sua atuação individual e em setor por prioridade e período de tempo, atendimento individual com os alunos e atendimento aos pais.

Fazendo um esforço de reagrupamento a partir das atribuições listadas no quadro, foram indicadas:

- ✓ Sete funções relacionadas diretamente aos alunos: Atendimento individual com os alunos, acompanhar a prática diária dos alunos, participarem de reunião por turma com cada professor, participar dos Conselhos de Classe, municiar o professor com informações a respeito dos alunos, realizarem o controle da frequência dos alunos Projeto APOIA e fazer encaminhamento para outros profissionais como: médico, psicólogo e fonoaudiólogo, etc.
- ✓ Quatro atribuições pertinentes à organização do seu trabalho: Planejar sua atuação individual e em setor por prioridade e período de tempo, fazer um cronograma para atender as demandas e tarefas, ter um registro próprio do que foi feito com aluno ou turma e registrar o atendimento individual e por turma para escola.
- ✓ Quatro funções direcionadas aos professores: Participar de reunião por turma com cada professor, municiar o professor com informações a respeito dos alunos, auxiliarem os professores quanto à metodologia, didática e avaliação e acompanhar a avaliação das professoras.

- ✓ Duas atribuições a respeito das famílias: Acompanhar a entrega de boletins e atendimento aos pais.
- ✓ Duas funções pertencente à equipe pedagógica: Participar de reunião de setor de OE e planejar sua atuação individual e em setor por prioridade e período de tempo.
- ✓ Cinco atribuições referentes à escola: Participar do processo de reforma curricular, planejar sua atuação individual e em setor por prioridade e período de tempo, participar do Colegiado da Escola, ajudar na construção e nas alterações do PPP e auxiliar na criação e no desenvolvimento de projetos na escola.
- ✓ Cinco funções relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem: Facilitar o processo de ensino aprendizagem, participar dos Conselhos de Classe, municiar o professor com informações a respeito dos alunos, auxiliarem os professores quanto à metodologia, didática e avaliação, auxiliar na criação e no desenvolvimento de projetos na escola, acompanharem a entrega de boletins, fazer encaminhamento para outros profissionais como: Médico, psicólogo e fonoaudiólogo etc.
- ✓ Uma atribuição indicada para ser desempenhada em relação à comunidade escolar: Articular as relações com a comunidade escolar.
- ✓ Duas atribuições em comum entre ensino e aprendizagem e aluno: Participar dos Conselhos de Classe e fazer encaminhamento para outros profissionais como: Médico, psicólogo e fonoaudiólogo, etc.
- ✓ Uma função comum entre professor e ensino aprendizagem: Auxiliar os professores quanto à metodologia, didática e avaliação.
- ✓ Uma atribuição em comum entre aluno, professor e ensino e aprendizagem: Municiar o professor com informações a respeito dos alunos.
- ✓ Uma das funções partilhadas entre escola e ensino e aprendizagem: Auxiliar na criação e no desenvolvimento de projetos na escola.
- ✓ Uma atribuição em comum entre ensino e aprendizagem e família: Acompanhar a entrega de boletins.
- ✓ Uma função comum entre equipe pedagógica, escola e organização da atuação profissional: Planejar sua atuação individual e em setor por prioridade e período de tempo.

É importante salientar que de alguma forma todas as funções supracitadas no quadro tem relação com o processo de ensino e aprendizagem, pois diretamente ou indiretamente elas corroboram para o mesmo. Todas as funções indicadas pelos entrevistados são essenciais para

o desenvolvimento do seu trabalho, mas é importante destacarmos que nem todas as atribuições desempenhadas pelos mesmos estão citadas acima.

3.3.1 Planejamento

O planejamento é de fundamental importância para desenvolvermos um trabalho com qualidade como Or.E. Além disso, contribui para a boa organização e desenvolvimento das atribuições e, conseqüentemente, para a avaliação do seu próprio trabalho, além de refletir na melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Percebo que essa relevância foi apontada pelos três entrevistados conforme exposto abaixo:

“Em relação ao planejamento, sem ele não fazemos nada a fim de obter bons resultados, porque nós fizemos avaliações do nosso trabalho e para isso temos que ter planejamento, desde o início eu já sei os passos que tenho que dar durante o ano, nós temos clareza de nossas demandas e passamos isso aos novos, mas durante o ano surge novas demandas, se não há planejamento você não chega a lugar nenhum.” (Entrevistado 1)

“Para mim é fundamental planejar a minha semana, o meu mês e o ano, e se envolvo com uma demanda eu preciso ter em mente um cronograma, a agenda de reuniões, eu acredito que cumprir um planejamento de deixa com tempo de sobra, eu penso muitas coisas ao mesmo tempo e se eu consigo organizar eu consigo efetivá-las de uma melhor forma, então planeja, executa e já implica em reflexão no tempo todo [...]”. (Entrevistado 2)

“[...] Outras características que eu julgo como eu citei a organização porque eu acredito que ela está muito ligada ao planejamento porque se não tiver planejamento ele vai apagar incêndio e tem que ter uma organização para cumprir esse planejamento para atender a todas essas demandas que precisa e também apagar os incêndios. Ter um planejamento bimestral ou trimestral de acordo com cada realidade para acompanhar a entrega dos boletins, acompanhar a avaliação das professoras, ter um plano anual, semanal e diário e separar por prioridade e se não conseguir estipular um novo prazo para serem cumpridas porque às vezes surge demandas e depois de planejar e registrar, é muito importante avaliar, e ela feito com fóruns com os alunos e por equipe da escola, e também nas reuniões pedagógicas os profissionais podem avaliar uns aos outros e colocar os pontos positivos e a melhorar. O planejamento não é tempo perdido, ele é bem feito e afeta diretamente nos resultados”. (Entrevistado 3)

Desta forma, acredito que para desempenhar a função de OE, devo organizar as atribuições. Nesse momento compreendo a importância do planejamento, pois é a partir dele que organizo toda a minha prática, pois devo fazer um levantamento das atribuições, refletindo em como desenvolvê-las e delineando quais os objetivos a partir das mesmas.

Dentro desta ótica o entrevistado 2 aponta:

“Para mim é fundamental planejar a minha semana, o meu mês e o ano, e se envolvo com uma demanda eu preciso ter em mente um cronograma, a agenda de reuniões, eu acredito que cumprir um planejamento de deixa com tempo de sobra, eu penso muitas coisas ao mesmo tempo e se eu consigo organizar eu consigo efetivá-las de uma melhor forma, então planeja, executa e já implica em reflexão no tempo todo e dependendo eu faço apontamentos no meu registro pessoal”. (Entrevistado 2)

Lück (2009, p.60) ainda apresenta algumas contribuições específicas do planejamento, sendo elas:

Definir o escopo do trabalho como um todo e de seu significado no contexto escolar; Dimensionar a ação pretendida; Definir e ordenar a finalidade; Estruturar e ordenar as ações; Estabelecer a articulação e a integração vertical das ações; Tornar claras e precisas as responsabilidades; Diminuir a possibilidade de omissão de pessoas em relação à responsabilidade; Racionalizar a distribuição e o uso do tempo; Evitar a duplicação do uso dos recursos e esforços; Promover a maximização e o reforço às ações desencadeadas e aos seus resultados; Facilitar o monitoramento efetivo das ações e garantir sua avaliação; Promover o desenvolvimento do interesse e do envolvimento dos educadores na realização das ações pedagógicas; Antecipar e controlar o surgimento de dificuldades e de empecilhos ao desenvolvimento dos objetivos propostos; Assegurar o máximo aproveitamento e desenvolvimento do potencial humano e da dinâmica social da escola; Garantir um sentido de unidade ao trabalho da Orientação Educacional, no contexto do político-pedagógico da escola.

Desta forma acredito, percebo como é relevante planejar e registrar toda a minha prática, para que no momento em que eu for desenvolver uma avaliação do trabalho, pode perceber se alcancei o resultado pretendido e se tive avanços, permanências, erros ou problemas relacionados à atuação e encaminhamentos. Os entrevistados 2 e 3 compreendem que o registro contribui juntamente com o planejamento. Sobre isso, o orientador 3 afirma que:

“Planejar e registrar, é muito importante para avaliar, temos feito com fóruns com os alunos e por equipe da escola, e também nas reuniões pedagógicas os profissionais podem avaliar uns aos outros e colocar os pontos positivos e a melhorar. O planejamento não é tempo perdido, ele é bem feito e afeta diretamente nos resultados.” (Entrevistado 3)

Entendo que ele auxilia na melhoria da prática do Or.Ee conseqüentemente para processo de ensino e aprendizagem.

Até aqui indiquei as funções desse profissional segundo a compreensão dos orientadores educacionais que foram entrevistados. Apesar disso, sei que existem mais funções, além das apontadas pelos mesmos, e acredito que seria importante nos aproximar das legislações que tratam das atribuições do OrE

Nesse sentido analisarei o Decreto-lei nº 72.846, de 26 de Setembro de 1973 no qual regulamente a Lei nº 5.564, de 21 de Dezembro de 1968, que provê o exercício da profissão do orientador educacional. Neste Decreto, encontrei as atribuições da OE assim listadas:

No Art. 8º. Trata a respeito das atribuições privativas do orientador educacional, são elas: a) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de: 1 - Escola; 2 - Comunidade;

b) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos do Serviço Público Federal, Municipal e Autárquico; das Sociedades de Economia Mista Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas.

c) Coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando-o ao processo educativo global.

d) Coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando.

e) Coordenar o processo de informação educacional e profissional com vista à orientação vocacional.

f) Sistematizar o processo de intercâmbio das informações necessárias ao conhecimento global do educando.

g) Sistematizar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que exigirem assistência especial.

h) Coordenar o acompanhamento pós-escolar.

i) Ministras disciplinas de Teoria e Prática da Orientação Educacional, satisfeitas as exigências da legislação específicas do ensino.

j) Supervisionar estágios na área da Orientação Educacional.

l) Emitir pareceres sobre matéria concernente à Orientação Educacional. (BRASIL, 1973, p. 2)

A partir do exposto percebo que muitas funções refletem a dimensão psicológica da época, e por terem sido elaboradas em outro contexto histórico estão desatualizadas no que diz respeito à concepção e ao momento histórico atual. Dentre as funções descritas na legislação são poucas mencionadas por autores da área e até mesmo pelos entrevistados.

Outro documento citado como exemplo é o Edital nº 172/DDP/2014 (UFSC, 2014) de um concurso público para pedagogo/orientador educacional de uma instituição federal de ensino. De acordo com o mesmo as atribuições para o orientador desempenhar são as seguintes:

Implementar a execução, avaliar e coordenar a (re) construção do projeto pedagógico de escolas de educação infantil, de ensino médio ou ensino profissionalizante com a equipe escolar; viabilizar o trabalho pedagógico coletivo e facilitar o processo comunicativo da comunidade escolar e de associações a ela vinculadas. Assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. (UFSC, 2014, p. 16)

Ao ler o documento percebi que as mesmas atribuições descritas para o pedagogo foram indicadas para o pedagogo/orientador educacional. Além disso, percebi que são poucas funções descritas.

3.4 O ORIENTADOR EDUCACIONAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A partir das entrevistas realizadas e pesquisa bibliográfica, percebi que ao longo do tempo o papel do Or.E passou por mudanças até chegar ao consenso que o foco do trabalho seria a questão do ensino e aprendizagem, com papel essencial, sendo um facilitador, um articulador, ou seja, um colaborador desse processo. Nesse sentido, os três entrevistados afirmam:

“Somos profissionais que temos clareza do nosso papel, nós não somos aqueles que sempre defendem os alunos, nós trabalhamos numa dinâmica onde escutamos as partes, dialogamos e construímos uma nova realidade, nós não estamos aqui para fazer juízo de valor, nem de postura, nem de formação, nem de didática, nós estamos aqui para facilitar e para mediar e fazer com que o aluno aprenda e o professor ensine. O Or.E é um mediador, um facilitador, ele é profissional que está ali para dar uma sustentação, para que aconteça tanto o ensino como a aprendizagem”. (Entrevistado 1)

“Eu acredito que seja uma profissão que se objetiva antes de tudo facilitar, propiciar, mediar à construção da melhor forma possível do processo de ensino-aprendizagem para os discentes isso em parceria com a comunidade escolar, assim trabalha nesse movimento de articulação para desenvolver da melhor forma possível o processo de ensino aprendizagem, no caso para ser da forma mais saudável e cuidadosa para que haja o mínimo de intervenções”. (Entrevistado 2)

“[...] na verdade a nossa função é contribuir então existe isso, eu não senti isso, mas percebo que existe uma resistência inicial com qualquer pessoa da equipe pedagógica principalmente da parte dos professores nesse sentido que eles serão vigiados, eles acreditam que o orientador e supervisor eles não são pessoas indispensáveis, ele acredita que ele vai dar conta sozinho, porém em algum momentos principalmente quando eles não estão presentes seja por qualquer motivo, como ,por exemplo, uma formação ou um curso, assim ele percebe a falta que faz, justamente porque ele atua o tempo todo criando ferramentas e possibilidades para facilitar o processo de aprendizagem”. (Entrevistado 3)

Dentre as funções que ele desenvolve para promover esse processo de ensino e aprendizagem é a que diz respeito ao planejamento, que algo essencial em qualquer função a ser desenvolvida. Nesse sentido Lück (2009, p. 59) nos aponta que: “O planejamento cuidado e acurado de suas ações possibilita ao orientador educacional obter maior e melhor controle de circunstâncias e de suas situações, em vez de ser controlado por elas”.

Além disso, entendo que o Or.E ajuda o professor no que diz respeito à metodologia e a didática, pois eles também conhecem os alunos por outra perspectiva. Tendo em vista esses

elementos oOr.E consegue auxiliar o professor em muitas situações em que seu trabalho não está adequado à turma e, conseqüentemente, acabam prejudicando os alunos, ou também em outros problemas relacionados aos mesmos.

Quanto ao papel doOr.E junto aos professores, Grinspun (2011, p.116) afirma que ele deve:

Colaborar e participar da construção do projeto político-pedagógico da escola, principalmente através de seu currículo. Trabalhando junto aos professores, através de uma reflexão crítica da prática pedagógica, o Orientador procurará contribuir para a discussão da realidade dos alunos, das finalidades do processo pedagógico, do sistema de avaliação, das questões de evasão e repetência escolar, dos recursos físicos e materiais de que a escola dispõe das metodologias empregadas, enfim sobre as questões técnico-pedagógicas.

O Orientador pode ajudar o professor a pensar como desenvolver a avaliação dos seus alunos, tendo em vista a relevância do processo de ensino e aprendizagem durante todo o período. Segundo Ferreira (2012, p.9):

O ato de avaliar não pode ser entendido como um momento final do processo que verifica o que o aluno alcançou. A questão não está, portanto, em tentar uniformizar o comportamento do aluno, mas em criar condições de aprendizagem que permitam a ele, qualquer que seja seu nível, evoluir na construção do seu conhecimento. A avaliação tem um significado muito profundo, á medida que oportuniza a todos os envolvidos no processo ensino/aprendizagem momentos de reflexão sobre a própria prática [...].

Nesse sentido, o registro permitirá ao orientador perceber o desenvolvimento dos alunos em algumas situações onde inicialmente apresentaram dificuldades. E, ainda ele poderá colaborar com os professores apresentando algumas formas de registrar e demonstrando a importância do registro para avaliação em relação aos alunos. Desta forma, apresentarei um breve relato onde os entrevistados 2 e 3 demonstram a importância do registro em sua prática nas instituições de ensino:

“[...] reflexão no tempo todo e dependendo eu faço apontamentos no meu registro pessoal, por exemplo, quando é um atendimento individual eu escrevo mais ou menos um parágrafo com que o aluno me informou e em seguida as minhas impressões que também é uma forma de avaliar, você tendo isso um tempo depois e voltar naquilo e perceber se houve falha, poderia ter feito de outro jeito ou pensei isso já naquela época, você pode ver o que tem, o que pode melhorar e o que pode fazer, inclusive isso me ajudou muito também na organização das pastas com arquivos em meu computador”. (Entrevistado 2)

“[...] nos temos um controle uma questão de registro muito organizada, pontual e específica, nos temos um fichário com uma pasta para cada turma

e qualquer tipo de atendimento ou intervenção ou encaminhamento nos anotamos colocamos a data e o que foi feito, além de quem realizou o atendimento ou intervenção, se caso a orientadora que fez o atendimento não esteja, a outra pega aquela pasta e verifica quais encaminhamentos foram dados a aquele aluno até aquele momento e o que ela pode continuar fazendo, mas em alguns momentos nos temos que dividir demandas, nos acabamos dividindo a demanda do dia, e nos sempre registramos o que foi feito as turmas e os alunos em específico”. (Entrevistado 3)

OOr.Ea ainda poderá atuar como mediador no sentido de auxiliar os alunos e professores a respeito de conflitos, dificuldades e outros fatores que poderão agravar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Conforme Chrispino (2007, p.17) “O conflito é algo inevitável e não se deve suprimir seus motivos, até porque ele possui inúmeras vantagens dificilmente percebidas por aqueles que vêem nele algo a ser evitado”. Nesse sentido o autor ainda afirma que o conflito:

- Ajuda a regular as relações sociais;
- Ensina a ver o mundo de outra perspectiva;
- Permite o reconhecimento das diferenças;
- Ajuda a definir as identidades;
- Permite perceber que o outro possui uma percepção diferente;
- Racionaliza as estratégias de competência e cooperação e ensina que controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento social. (CHRISPINO, 2007, p.17)

Desta forma, percebo que o conflito só irá prejudicar os sujeitos quando ele aparecer através de manifestações violentas, e assim prejudicando o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Para o entrevistado 2 oOr.Edeverá “*mediar à construção da melhor forma possível do processo de ensino-aprendizagem para os discentes isso em parceria com a comunidade escolar*”. Portanto, ele é o articulador nesse processo, pois a parceria entre todos os sujeitos que envolvem a comunidade escolar auxilia o desenvolvimento dos alunos e conseqüentemente estabelece um vínculo de confiança entre os mesmos.

Além disso, oOr.E poderá contribuir para a criação e desenvolvimento de projetos que incentivarão os alunos a participar e conseqüentemente terá impacto na aprendizagem. Como exemplo, apresentarei os relatos dos entrevistados 1 e 3 a respeito disso:

“[...] o aluno que recebe milhões de informações, informações essas que às vezes são mais interessantes que aquelas dadas pelo professor em sala de aula, e informações atualizadas, claro que precisam ser filtradas, mas elas são informações e precisam ser trabalhadas, o aluno precisa ser compreendido dentro dessa realidade que ele vive para que aconteça a aprendizagem, nos conteúdos elaborados a escola tem como função repassar ou ensinar, ou até mesmo precisa provocar a aprendizagem, nós temos estrutura para isso, nós temos laboratórios, diversas disciplinas na área de artes, línguas, e grandes projetos sedimentados”. (Entrevistado 1)

“Outra função que desenvolver ou atender projetos como, por exemplo, das universidades em parceria, nos observávamos às necessidades para desenvolver os projetos e tem alguns que são inerentes a idade como, por exemplo, a violência, a sexualidade, drogas, a gente procura já desenvolver parcerias para desenvolver esses projetos. Nós também trabalhamos regras, disciplina, respeito”. (Entrevistado 3)

“O entrevistado 1 nos aponta quer o Or.E tem que passar o limite da sua formação, porque ele tem que compreender as outras dinâmicas”. Nesse sentido, entendo a relevância da formação continuada, pois compreendo que o Or.E estará construindo uma bagagem teórica, e isso auxiliará no desenvolvimento de suas atribuições, portanto, aperfeiçoando sua prática, pois permitirá estabelecer intervenções com mais qualidade.

3.5 DIFICULDADES, LIMITES E POSSIBILIDADES

A partir do exposto posso compreender mais sobre as funções e características do trabalho do orientador educacional. Contudo, dentro da sua atuação ele tem muitas facilidades que possibilitam conseguir desenvolver seu trabalho, bem como dificuldades que, em muitos casos, limitam sua atuação. Na próxima seção compreenderemos um pouco mais sobre esses elementos presentes no dia-a-dia do orientador.

3.5.1 Dificuldades e limites

No cotidiano escolar ocorrem diversas situações em que demandam a intervenção de um funcionário da escola. Segundo os entrevistados 1 e 3 a comunidade escolar tem dificuldade em compreender que o Or.E não é exclusivamente mediador de conflitos e não desenvolve atividades voltadas a função de enfermeiro e psicólogo. Nesse sentido o entrevistado 3 nos apresenta um exemplo do dia-a-dia a respeito dessa questão:

“Na prefeitura tem muitas demandas que não seriam da equipe pedagógica da orientação e da supervisão, mas pela falta de profissionais para realizar essas demandas temos que realizar para atender ao aluno, por exemplo, questões disciplinares que muitas vezes não tem relação com o processo de aprendizagem e outros têm uma relação direta, atendemos alunos que acidentam, se machucam, fazemos algumas intervenções em relação a intervalo e a pátio e isso acaba que ao mesmo tempo em que é necessário acaba tirando o foco do profissional.” (Entrevistado 3)

Embora não seja uma função específica do Or.E, ele pode auxiliar nessas atribuições desde que esse não seja seu único campo de trabalho na escola do Or.E. Ainda dentro desta ótica, o mesmo entrevistado nos apresenta como uma dificuldade a falta de estrutura de apoio ao profissional (psicólogo, assistente social, enfermeiro, etc.) e nos relata uma situação do seu dia-a-dia na escola:

“O orientador também no seu trajeto histórico superou essa questão de ter um viés psicológico, nós temos total clareza que o orientador não é um psicólogo, pois nem temos formação para isso então o orientador não vai dar conta ele tem sim suas limitações e não vai dar conta de atender casos que demandem uma assistência profissional de outras áreas como

principalmente: médica, psicológica e fonoaudiológica, então quando a gente percebe que para auxiliar no processo de ensino aprendizagem do educando e ele necessita de algum tipo de encaminhamento nesse sentido nós temos algumas parcerias para fazer esses encaminhamentos e na minha atuação eu consigo implementá-las em parte não tanto como eu gostaria e volto a dizer que é pela falta física e apoio de outros profissionais que são indispensáveis na escola.” (Entrevistado 3)

Acredito que isso se torna uma dificuldade, pois em alguns casos as crianças e adolescentes necessitam de um profissional especializado sendo que a maioria das escolas não apresenta esse profissional. Assim essas atribuições que não pertencem à função da Or.E acabam sendo desempenhadas por ele, diminuindo o tempo e espaço ocupado para desempenhar as funções que dizem respeito ao processo de ensino e aprendizagem, mas diretamente.

Reconhecendo os limites de atuação do orientador, há uma compreensão comum entre os entrevistados 1 e 3 de que este profissional não é um psicólogo. Sobre isso, temos a fala do entrevistado 3:

“Nós temos total clareza que o orientador não é um psicólogo, pois nem termos formação para isso então o orientador não vai dar conta ele tem sim suas limitações e não vai dar conta de atender casos que demandem uma assistência profissional de outras áreas como principalmente: médica, psicológica e fonoaudiológica, então quando a gente percebe que para auxiliar no processo de ensino aprendizagem do educando e ele necessita de algum tipo de encaminhamento nesse sentido nós temos algumas parcerias para fazer esses encaminhamentos. ” (Entrevistado 3)

Outra dificuldade relacionada a essa questão é apontada também pelo entrevistado 3 é a falta investimento em profissionais de apoio e suporte para orientação. Isso acaba sendo um limite, pois é algo que não está ao alcance de Or E, dependendo de sujeitos externos ao contexto escolar e que atrapalha o foco do seu trabalho e/ou deixando, muitas vezes, a criança sem os devidos atendimentos e, por, podendo levar ao agravamento da situação de ensino e aprendizagem e de seu desenvolvimento.

Por sua vez, o entrevistado 2 relata a dificuldade em relação à aquisição de conhecimento por parte dos alunos, e comenta que:

“Isso tem sido cada vez mais maçante para os alunos acho que na atualidade as informações seriam essas, facilitar na quantidade dessas informações, as informações são as mais diversas, então vários motivos faz a escola não ser atrativa do modo no qual está, orientador atua nesse contexto atual e nele que ele vai tem que ele propiciar o ensino da forma mais qualificada possível.” (Entrevistado 2)

Compreendo que isso pode acontecer pelo fato de os professores não inovarem sua prática, pois é necessário em alguns momentos às aulas terem outras dinâmicas e formatos. Desta forma, o Or.E poderá também auxiliar o professor a repensar e construir novas formas de ensinar.

O entrevistado 1 aponta que a partir da Resolução CNE/CP nº 1, 15 de maio de 2006 que institui as Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Pedagogia, foram extintas as habilitações, portanto, não formando mais Or.Enos Curso de Pedagogia. Portanto, com a falta de orientadores e supervisores formados, gerará uma sobrecarga nos outros profissionais e contribuirá para que tenhamos uma reconfiguração nos papéis dentro da escola. Nesse sentido, o entrevistado 1 ainda expõe que:

“É que hoje não temos aquela tendência de termos mais Or.E. A própria academia não forma mais Or E, isso vai ser uma lacuna muito grande tanto no papel do Or.E quanto do supervisor escolar, por mais que se tenha um preconceito quanto o papel do supervisor, se faz necessário, pois não tem nenhum outro profissional que esteja substituindo este, então hoje você chega numa escola que nem a nossa aonde os professores deveriam ter seus planos de ensino, a sua metodologia, as suas aulas sendo acompanhadas para que tenham as suas aulas para que tenham aulas mais criativas, nós não temos mais nenhum profissional, que acompanhe para saber se os professores fizeram o planejamento, se esta obedecendo às ementas, quais são os instrumentos de avaliação, que tipo de avaliação ele está dando, como é desenvolvido esse processo, se ele consegue interagir, ou se ele é aquele que despeja o conteúdo e vai embora, tudo isso ocorre muitas vezes pela carência desses profissionais”. (Entrevistado 1)

O entrevistado 2 apresenta como uma dificuldade entender o seu papel como sujeito na instituição. Afirma que,

“Tem sido um desafio, pois o campo de disputa que a escola é profissionalmente, isso tem sido um desafio como orientadora educacional, entender meu papel como sujeito, isso tem sido um conflito entre as minhas concepções, o que eu acredito as minhas crenças, as minhas ideologias, o meu pessoal e o meu profissional, entender essa dinâmica do campo, pois é tudo novo, estou conhecendo com tudo funciona, isso tudo é um desafio penso que positivo, e me faz enxergar a realidade do modo como ela é.” (Entrevistado 2)

Acredito que isso normalmente ocorre no início da carreira como Or.E, pois ele recentemente se formou. Dessa forma quando ingressa no mercado de trabalho e começa a desempenhar o seu papel, acaba tendo alguns conflitos consigo mesmo a respeito do que ele acredita das suas concepções, as suas crenças e ideologia com daquilo que o campo demanda dele. Entendo que no dia a dia da escola estou desempenhando meu papel como profissional,

e que todos esses elementos que fazem parte do sujeito não vão poder ficar de lado. Com o tempo o Or.E vai aprendendo a se colocar de forma efetiva sem perder as suas características.

O Or.E é um profissional muito exigido. Essa é outra dificuldade apresentado pelo entrevistado 1. A respeito disso, acredito que esse profissional muitas vezes não tem seu trabalho reconhecido, pois muitos sujeitos que pertencem à comunidade escolar desconhecem seu trabalho e, conseqüentemente, este não é valorizado. Por este motivo é importante orientadores mostrarem seu trabalho na escola, pois ele desempenha um importante papel no processo de ensino e aprendizagem e têm muitas atribuições em torno do mesmo.

O entrevistado 3 nos relata que quando uma instituição não tem Or.E, ou até mesmo quando o têm poucos profissionais, ou quando tem um profissional de outra área exercendo essa função é uma dificuldade comprometendo a qualidade do trabalho e, conseqüentemente, com o processo de ensino e aprendizagem, pois esse não possui formação necessária para atuar nessa função. E, quando existem poucos profissionais há uma sobrecarga de trabalho para o orientador que atua na instituição sozinho, levando ao comprometimento da qualidade do trabalho por não conseguir desenvolver todas as atribuições necessárias.

3.5.2 Possibilidades

Sabe-se que ter uma boa estrutura de apoio profissional auxilia na função do Or.E, pois, muitas vezes ocorrem algumas situações que vão além da sua formação, sendo necessária a ajuda de um profissional de outra área que contribua nesse processo. Nesse sentido, o entrevistado 1 afirma que é importante “ter uma boa estrutura de apoio ao profissional (psicólogo, assistente social, enfermeiro, um grupo de educação inclusiva, supervisor educacional, entre outros).” Mas, é importante salientar que a maioria das escolas públicas não tem esses profissionais. Além disso, aponta que se sente privilegiado em termos de equipe pedagógica e espaço físico na instituição em que atua, pois tem uma excelente estrutura física, que o motiva a trabalhar em sua profissão e realizar tudo o que aprendeu na graduação.

Outra possibilidade é ter professores com formação em nível de especialização, mestrado e doutorado. Isso é relevante no sentido de estar constantemente aliando sua prática à pesquisa trabalhando, simultaneamente, no processo de construção e reconstrução dos conhecimentos. Os entrevistados 1e 2apontam o exposto acima, pois na instituição no qual

trabalham uma grande parte dos professores tem especialização, mestrado ou doutorado e promove um trabalho de qualidade.

Além disso, o entrevistado 1 define como possibilidade ter sete orientadores educacionais para 900 alunos Comenta a respeito disso afirmando que: *“Em relação a outras escolas como, por exemplo, no Estado, temos uma dificuldade, pois é um orientador pedagógico para 500 ou 600 alunos, sendo que nós temos 6 orientadores educacionais para 900 alunos.”* (Entrevistado 1)

Desta forma percebo que ter uma quantidade significativa de orientadores para desenvolver o trabalho de Or. É importante pelo fato de conseguir desenvolver as suas respectivas atribuições e acompanhar mais de perto o processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos.

Outra facilidade apresentada pelo entrevistado 1 é ter como possibilidade laboratórios, diversas disciplinas na área de artes, línguas, estudos latino-americano, e grandes projetos sedimentados possibilitando que os alunos possam vivenciar outras realidades. Isso auxilia na ampliação do saber, pois teremos contato com outros conhecimentos e vivências.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um documento relevante da instituição de ensino, pelo fato de está ligado diretamente as decisões e possíveis encaminhamentos do trabalho da escola, devendo ser estruturado e debatido constantemente. Desta forma o entrevistado 3 define como possibilidade ainda,

“A articulação do PPP com os profissionais e com a comunidade escolar participando de forma democrática na construção, na ampliação, na eficácia e que o PPP não seja apenas um documento, mas que ele seja um documento que oriente todas as ações pedagógicas da escola.” (Entrevistado 3)

Entendo que ter uma equipe pedagógica completa é importante para que tenhamos reuniões, discussões, trocas de experiências e suporte teórico para superar as dificuldades do cotidiano escolar. O entrevistado 3 relata que:

“Ter uma equipe pedagógica completa que não são todos os espaços que tem essa equipe completa, que eu considero ter um administrador escolar, supervisor escolar e orientador educacional, é uma facilidade porque isso faz que ao mesmo tempo em que você consiga trabalhar naquilo que a sua função determina, você também consegue pelo número de pessoas fazer um trabalho pedagógico em conjunto e desenvolver mais projetos e dar atenção de fato para aquilo que é importante.” (Entrevistado 3)

A hora atividade foi uma conquista muito importante para o Or.Eda rede de ensino municipal e para os docentes no geral, no sentido de ser um momento para planejar, refletir sobre suas atribuições e seu desempenho. Além disso, permite ter um momento voltado para a formação continuada. Segundo o entrevistado 3,

“No caso da Prefeitura de Florianópolis temos a hora atividade de doze horas semanais, isso é uma facilidade porque quando o orientador está atuando na escola ele têm que “apagar incêndio”, demandas urgentes sem aviso prévio, e à hora atividade é importante para o planejamento, para reflexão, para que ele consiga definir seu trabalho, verificar suas prioridades, montar projetos etc.” (Entrevistado 3)

Outra possibilidade é a organização das turmas em relação aos orientadores educacionais serem desenvolvida por segmentos ou proximidade de acordo com a formação e afinidade dos orientadores. Os entrevistados 1 e 2 apontam essa questão, mas utilizarei como exemplo o relato do entrevistado 2:

“Você consegue estar mais próxima com aquele grupo, se aproxima mais e de repente você acompanha essas turmas durante o processo de escolarização na educação básica, para assim conseguir desenvolver um trabalho em longo prazo em prol do desenvolvimento do educando.” (Entrevistado 2)

Em síntese, as dificuldades e possibilidades apontadas pelos entrevistados são:

- A comunidade escolar tem dificuldade em compreender que Or.Ed não é exclusivamente mediador de conflitos e não desenvolve atividades voltadas a função de enfermeiro e psicólogo.
- Que há falta de estrutura de apoio ao profissional (psicólogo, assistente social, enfermeiro, etc.) nas instituições.
- A falta investimento em profissionais de apoio e suporte para orientação na escola.
- Preocupação com as dificuldades em relação à aquisição de conhecimento por parte dos alunos.
- Falta de orientadores e supervisores formados, gerará uma sobrecarga nos outros profissionais.
- Necessidade do Or.Ed entender o seu papel como sujeito na instituição de ensino.
- A escola é profissionalmente um campo de disputa;
- O Or.Ed é um profissional muito exigido e pouco reconhecido;

- É uma facilidade ter uma boa estrutura de apoio profissional auxilia na função do Or E;
- Necessidade de se ter uma boa estrutura em termos de equipe pedagógica e espaço físico na instituição em que atuam;
- Ter professores com formação em nível de especialização, mestrado e doutorado.
- O problema do excesso de alunos por Or E;
- Importância da hora atividade para desenvolver o planejamento, reflexão e formação continuada.

Em síntese, as entrevistas com os orientadores educacionais possibilitaram a compreensão da dimensão do trabalho que este desenvolve, nos mostrando que o papel não é só mediar conflitos e ajudar os alunos individualmente. Além disso, compreendo que é necessário ter algumas características para ser um bom orientador, mas é preciso ter uma boa formação e compromisso com trabalho que desenvolve.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho compreendo que o papel do orientador educacional é relevante no que diz respeito às instituições de ensino, principalmente no processo de ensino e aprendizagem, pois acredito que esse profissional tem papel essencial no sentido de auxiliar para que se efetive esse processo.

Desta forma, pude entender que esse profissional contribui junto aos professores, no sentido de desenvolver estratégias e sugerindo algumas possibilidades quanto à metodologia, didática, avaliação e recursos para motivar os alunos a aprender proporcionando uma aprendizagem significativa. Além de despertar os professores para o desenvolvimento de uma prática reflexiva, no qual a todo o momento o professor estará analisando o seu desempenho e repensando o que poderá permanecer e o que deve ser melhorado. Quanto aos alunos ajudando nas diversas situações do cotidiano escolar, principalmente aquelas que afetam diretamente sua aprendizagem e seu desenvolvimento pleno, como potencializar práticas saudáveis de convivência, hábitos de estudo, estímulo nos estudos, entre outras.

Cabe ao orientador promover a articulação entre os professores, alunos e família, mantendo um diálogo constante visando garantir a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e dessa forma desenvolvendo um elo de confiança com todos os sujeitos.

Portanto, o orientador compromete-se com a formação integral, sem esquecer que a prática docente deve estar em concordância com a realidade e é dessa prática que provém o conhecimento e que ele se dá como um empreendimento coletivo.

A Orientação está a serviço da escola, através de um trabalho participativo que deve ser realizado de forma interdisciplinar, onde o currículo precisa ser construído por todos que a compõem e todos devem estar comprometidos com os processos e os resultados.

A partir do contato com a trajetória histórica da orientação educacional até a atualidade, pude entender como era concebida a orientação, de como era visto o orientador, quais eram as funções que esse profissional desempenhava, de como era a concepção de educação da época e qual o contexto social, econômico e político. Tudo isso me possibilitou compreender a transformação que a mesma teve ao longo do tempo.

Em relação às dificuldades, quando tive contato com as legislações específicas percebi que elas estão desatualizadas e fora do contexto atual, o que dificulta aos orientadores compreenderem quais suas funções, pois entendo que elas servem como eixo condutor para

nortear a prática desse profissional. Além disso, percebo que a falta de definição das funções prejudica a atuação do orientador e comprometendo com a qualidade dos serviços prestados.

A falta de produção específica da área recente foi outro fator que dificultou o desenvolvimento do trabalho, pois é importante fazermos a leitura de diversos materiais para enriquecer o trabalho e para compreender a dimensão da temática.

O limite do tempo para realizar a pesquisa contribuiu para que eu não apresentasse uma maior diversidade de experiências e contribuições dos orientadores no qual entrevistei.

Acredito que esse trabalho contribuiu para maior entendimento do que é o orientador e suas funções e abriu um leque para possíveis investigações futuras sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. 2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 mai. 2006b, Seção 1, 11p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf> Acesso em: 15/03/2015
- BRASIL. **DECRETO Nº 69.450, DE 1 DE NOVEMBRO DE 1971.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d69450.htm> Acesso em: 26/03/ 15.
- BRASIL. **DECRETO Nº 72.846, de 26 de setembro de 1973.** Disponível em: <www.sindifisp.org.br/servicos/filiacao/pdf/413.pdf>. Acesso em: 13/03/ 15.
- BRASIL. **DECRETO-LEI nº 4.073, de 30 de Janeiro de 1942.** Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/24/1942/4073.htm>.> Acesso em: 18/03/2015
- BRASIL. **DECRETO-LEI nº 4.244, de 09 de Abril de 1942.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>.> Acesso em: 18/03/2015
- BRASIL. **Lei N. 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961.** Disponível em: <<http://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>> Acesso em: 12/03/2015
- BRASIL. **Lei Nº 5.540, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1968.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm.> Acesso em: 26/03/ 15.
- BRASIL. **Lei Nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5564.htm.> Acesso em: 26/03/15.
- BRASIL. **Lei Nº 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm> Acesso em: 12/03/2015
- BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 12/03/2015
- CARABETTA-JÚNIOR, Valter. **Rever, pensar e (re)significar: a importância da reflexão sobre a prática na profissão docente.** Rio de Janeiro, v.34, n.4, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010055022010000400014&script=sci_arttext> Acesso em: 10/10/2015
- CASTRO, Celso. **O golpe de 1964 e a instauração do regime militar.** Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>.> Acesso em: 25/03/2015
- CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, jan./mar.

2007. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf> Acesso em: 20/10/2015

FERREIRA, Sony C. C. **O desinteresse do educando: a ação do orientador educacional na reversão deste quadro**. Artigo monográfico (especialização em Administração, Supervisão e Orientação Escolar). RJ: Faculdade Redentor, 2012. Disponível em: <http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/18092012Microsoft%20Word%20-%20TCC%20Sony%20alterado%20_1_.pdf>. Acesso em: 10/03/2015

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. A Orientação Educacional face diferentes enfoques. In: _____. **A Orientação Educacional: conflitos de paradigmas e alternativas para a escola**. 3. ed.. São Paulo: Cortez, 2006.

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. **A Orientação Educacional: conflitos de paradigmas e alternativas para a escola**. 5. ed.. São Paulo: Cortez, 2011.

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. (Org.) **A Prática dos orientadores educacionais**. 6. ed. aumentada São Paulo: Cortez, 2008.

LÜCK, Heloísa. **Necessidade e importância o planejamento em Orientação Educacional**. Capítulo 2. In: _____. Planejamento em Orientação Educacional. 21 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MAIA, Eny Marisa; GARCIA, Regina Leite. **Uma orientação educacional nova para uma nova escola**. 2ª ed.. São Paulo: Loyola, 1985.

MARTINIANO, Fernanda B. **A importância da formação continuada para os professores de ensino fundamental**. Artigo monográfico (especialização em Administração e Supervisão Escolar). RJ: Instituto A vez de mestre, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/C205278. Acesso em: 17/03/2015

MELLO, Leonel Itaussu; COSTA, Luís César Amad. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2001.

OLIVEIRA, et al. **Gestão, Coordenação e Orientação Educacional: Trabalho integrado para o bom funcionamento da escola**. Artigo. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/propesq/article/viewFile/394/416>> Acesso em: 15/03/2015

PASCOAL, Miriam. **O Orientador Educacional no Brasil: uma discussão crítica**. In: Revista Poésis. Volume 3, Números 3 e 4, pp.114-125, 2005/2006. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10549>>. Acesso em: 12/03/ 13

PORTO, Olívia. **Orientação Educacional: Teoria, Prática e Ação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2002.

UFSC. **EDITAL N° 172/DDP/2014**. Disponível em:
http://172ddp2014.concursos.ufsc.br/files/2014/05/Edital-172DDP2014-STAE-UFSC_ret195.pdf. Acesso em: 20/09/2015

6.1 APÊNDICE A - Entrevista estruturada para coleta de dados com os Orientadores Educacionais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso: **TITULO PROVISÓRIO**

Acadêmico: **Nome completo**

Professora Orientadora: **Jocemara Triches**

TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DO QUESTIONÁRIO NA PESQUISA

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, a acadêmica **NOME COMPLETO**, portadores do RG **PREENCHER**, a utilizar minha entrevista, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Pedagogia desta Universidade. O material coletado será usado apenas com fins acadêmicos, sem fins lucrativos, com a garantia de que o nome da(o) entrevistada(o) não será citado.

Nome da(o) entrevistada(o): _____

Documento: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questões para entrevista com os Orientadores Educacionais:

1. Por favor, comente sobre sua formação em Orientação educacional, relatando os motivos da escolha, onde aconteceu, quando, cursos de aperfeiçoamento etc.
2. Comente sobre suas experiências na Orientação Educacional (onde você já atuou, diferenças entre as experiências, facilidades e dificuldades nessas experiências)
3. Discorra a respeito da sua rotina de trabalho (funções, limites, possibilidades)
4. O que você entende por Orientação Educacional e qual é sua importância?
5. Para você quais são/seriam as funções de um Orientador(a) Educacional no atual contexto? Na sua atuação você consegue implementá-las? Por quê?
6. Para você qual o papel da OE e como realizá-lo quanto ao processo de ensino-aprendizagem.
7. Que características você julga como necessário, aos Orientadores Educacionais na atualidade?

6.2 APÊNDICE B – Entrevistas na íntegra com os três entrevistados, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Entrevista completa com os Orientadores Educacionais

Por favor, comente sobre sua formação em Orientação educacional, relatando os motivos da escolha, onde aconteceu, quando, cursos de aperfeiçoamento etc.

Entrevistado 1 - Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Mestrado em Antropologia Ibero-americana pela Universidad de Salamanca- USAL, e Doutorado em Antropologia Social - Universidad de Salamanca- USAL, com Menção Europeia. Nasceu dentro de uma escola, sua avó era servente de um colégio no interior e sua mãe professora primária e ele passou a vida dentro de uma escola, ele trabalha na educação com muito prazer e muito carinho.

Entrevistado 2 - Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC com Habilitação em Orientação Educacional e atualmente se encontra no mestrado de história e historiografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC. Eu tinha em mente que eu gostaria de fazer a minha formação dentro das ciências humanas, pois eu gosto de trabalhar com os seres humanos, com as suas diferenças e individualidades. Sou filha de pedagogos Or.E, e convivi dentro dessa atmosfera vivenciando essa paixão por eles pela educação, frequentava os locais que os meus pais eram Or.E. Eu me neguei por muito tempo a fazer a graduação em Pedagogia, levanto em conta que os meus pais lutaram muito para alcançar seus objetivos. Um tempo depois eu resolvi fazer para ver se eu me encontrava, pois já tinha feito Letras e Jornalismo e abandonado do meio para o final, e também por que havia dado aula de inglês em algumas instituições e assim resolvi fazer o curso. Quando eu entrei na graduação em Pedagogia, eu estava com uma filha de um ano de idade e me sentia impelida a me envolver com aquilo o máximo possível e assim eu fui me apaixonando e fui me envolvendo. Hoje sou muito apaixonada pelo o que faço e digo que não poderia ter feito melhor escolha e sempre tive clareza que eu não queria está em sala de aula como professora, e estou na OE por lhe dar com a formação do sujeito de outra perspectiva em relação ao desenvolvimento e ao processo de ensino-aprendizagem.

Entrevistado 3– Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC com Habilitação em Orientação Educacional. Foi durante o curso a partir das minhas colegas que juntas desenvolvemos o trabalho de conclusão de curso e através de alguns professores que eu decidi ser orientadora educacional, também por gostar de trabalhar diretamente com os alunos e com famílias e escolhi por esses motivo

Comente sobre suas experiências na Orientação Educacional (onde você já atuou, diferenças entre as experiências, facilidades e dificuldades nessas experiências)

Entrevistado 1 – *“Estou há 30 anos na orientação educacional e tive a oportunidade de trabalhar em diversas realidades tanto públicas quanto privadas, fui o primeiro Reitor do Centro Universitário Municipal de São José- USJ, Conselheiro Estadual de Educação - CEE, Superintendente da Fundação Educacional de São José. Foi também professor do Instituto Federal de Santa Catarina IFSC e do Instituto Estadual de Educação de Santa Catarina - IEE. Tenho experiência nas áreas de educação e antropologia. Também atuo nas áreas da política educacional, turismo religioso, ciências da religião e meio ambiente. Atualmente é orientador educacional do Colégio de Aplicação (CA)*

pertencente a Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC).”

Entrevistado 2—*“Especificamente com a OE eu não havia atuado, a não ser na época em que eu fiz o estágio obrigatório da graduação, onde eu fui estagiária durante um ano trabalhando aqui no Colégio de Aplicação. Atualmente sou funcionária efetiva atuando na função de orientadora educacional do Colégio de Aplicação (CA) pertencente a Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC). A meu ver a experiência do estágio foi rica e hoje podendo está como Or.E no espaço e com os profissionais em que eu estagiei é para mim uma satisfação, porque significa que o local que me formou hoje me acolhe como profissional, estou aqui desde fevereiro então estou tentando fazer um parâmetro, mas com as outras instituições que eu frequentei como professora bilíngüe quanto como estagiária não só aqui, mas em outras instituições da esfera pública, eu sinto que é uma instituição privilegiada em termos de equipe pedagógica, espaço físico, ainda que nos idealizasse determinada prática, determinada escola dos sonhos, eu vejo que o Colégio de Aplicação hoje tem uma estrutura sem igual, isso tem me feito entrar na profissão com muita vontade, muito impelida de fazer as coisas que eu aprendi na graduação e que eu acredito que a minha formação foi rica, eu realmente eu me sinto mobilizada em contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, e de formar esses sujeitos, para facilitar a aquisição desses saberes, e acredito que a minha experiência tem sido muito positiva, obviamente você estando num campo desse amplo com uma quantidade grande de alunos e profissionais.”*

Entrevistado 3—*“Antes e durante o curso de pedagogia eu trabalhei numa empresa de call center onde atuei como supervisora de recursos humanos e como é uma empresa muito grande, nós tínhamos um psicólogo, um administrador e um pedagogo, o pedagogo no caso era eu e eu cuidava de toda parte da empresa relacionada à aprendizagem e uma das funções que eu tive foi supervisionar os jovens aprendizes que passavam quatro dias na empresa e um dia eles participavam de um curso em parceria com o CIEE, como eram 120 aprendizes e eu comecei a iniciar esse contato com os aprendizes e com esse processo de ensino aprendizagem, com as famílias e com os educadores do CIEE, eu percebi que realmente eu gostaria de fazer orientação educacional. Atuei no estágio obrigatório da graduação no Colégio de Aplicação. Sendo orientadora educacional propriamente dita não tenho experiência. Atualmente é orientadora educacional na Escola Básica Municipal Prefeito Osmar Cunha localizada em Canasvieiras/Florianópolis.”*

Discorra a respeito da sua rotina de trabalho (funções, limites, possibilidades).

Entrevistado 1: *“E em questão de estrutura organizacional existe muita diferença em estrutura de apoio entre uma escola e outra, nos estamos hoje no CA, que ele tem uma estrutura de apoio ao profissional, a qualquer profissional aqui dentro muito boa, nos temos um grupo de professores de 100 com quase 90 por cento com mestrado e doutorado, são poucos os que só têm especialização, é um grupo de professores novos, e temos uma gama de alunos que eles são oriundos de diversas realidades sociais, mas a escola tem um grupo de profissionais que ajuda a equacionar os problemas que se apresentam no dia-a-dia nos temos psicólogo, assistente social, enfermeiro, um grupo de educação inclusiva, temos supervisor educacional então é um grupo técnico que nos ajuda no trabalho da OE. Em relação a outras escolas como, por exemplo, no Estado, temos uma dificuldade, pois é um orientador pedagógico para 500 ou 600 alunos, sendo que nos temos 6 orientadores educacionais para 900 alunos, tem se também uma dificuldade do entendimento do que é o professor, do que é o Or.E, o Or.E não é um corpo de bombeiro, portanto não apaga incêndio, o Or.E não é um pronto socorro, para o aluno ficar quando tem que ausentar da sala de aula, não trabalhamos com questões disciplinares, num primeiro momento, nos somos facilitadores da aprendizagem, então nos trabalhamos as dificuldades de violência na escola, violência da escola, a violência no entorno da escola, nos compreendemos essas dinâmicas e tentamos trabalhar com o aluno dentro dessa dinâmica social, nos temos outras questões pontuais, o aluno novo, é o aluno que chega e esta toda vida on-line, é o aluno que recebe milhões de informações, informações essas que às vezes são mais interessantes que aquelas dadas pelo professor em sala de aula, e informações atualizadas, claro que precisam ser*

filtradas, mas elas são informações e precisam ser trabalhadas, o aluno precisa ser compreendido dentro dessa realidade que ele vive para que aconteça a aprendizagem, nos conteúdos elaborados a escola tem como função repassar ou ensinar, ou até mesmo precisa provocar a aprendizagem, nos temos estrutura para isso, nos temos laboratórios, diversas disciplinas na área de artes, línguas, estudos latino-americanos, e grandes projetos sedimentados como o pé na estrada que os alunos podem vivenciar outras realidades, onde ele é levado a refletir sobre as mesmas, e por estar dentro de uma universidade ele tem um grupo de mestres e doutores, isso faz com que o Or.E tem que sempre estar estudando, sempre estar se atualizando, e que ele não seja só um conhecedor da sua área, ele tem que passar o limite da sua formação, porque ele tem que compreender as outras dinâmicas, porque ele tem que lidar com esse professor que sai da academia, como Mestre ou doutor e não sabe trabalhar com adolescentes, que vem com carências, que vem com dificuldades sociais, que tem dificuldades de pré-requisitos, que vem de escolas públicas que não corresponderam ao ensino no qual deveria ser dado, então Or.E é um mediador, um facilitador, ele é profissional que está ali para dar uma sustentação, para que aconteça tanto o ensino como a aprendizagem, por que muitas vezes você acredita que o conteúdo foi ensinado, mas muitas vezes os alunos não adquiriram o conhecimento, portanto, não houve a aprendizagem, a culpa não é só do aluno, nos temos que discutir os processos de avaliação, nos temos que discutir esse currículo, nos temos que entender muito de currículo e avaliação, até para sermos um facilitador para o professor, no momento em que ele está dando sua aula, fazendo sua exposição, para que ele fuja do tradicional, para que ele seja criativo, para que ele entre nesse mundo digital do aluno, porque esses alunos tem que ser entendidos nesse momento histórico no qual se encontram. Hoje eu aqui tenho 150 alunos para acompanhar, eu sei que se eu estivesse numa escola pública eu teria aproximadamente 500 alunos para acompanhar, seria impossível eu fazer o trabalho que eu desenvolvo aqui porque nos ainda trabalhamos com uma mediação com a família, que os alunos hoje, por exemplo, levantei todos os alunos que estavam com dificuldades em matemática, então nos temos uma reunião com todos eles, em seguida temos uma reunião com todas essas famílias, para então perceber quais são os problemas, é falta de pré-requisito, vamos encaminhar para um grupo que desenvolve um trabalho nesse sentido, é problema de relacionamento, é problemas com dificuldades que o adolescente está passando, então cada situação dessa vai ser entendida para que possamos buscar um caminho para que ele possa ter sucesso na aquisição de conhecimento, então isso diferencia muito de uma escola que tem estrutura e de outra que não tem. As dificuldades que eu acredito que tenha, é que hoje não temos aquela tendência de termos mais Or.E, a própria academia não forma mais Or.E, isso vai ser uma lacuna muito grande tanto no papel do Or.E quanto do supervisor escolar, por mais que se tenha um preconceito quanto o papel do supervisor, se faz necessário, pois não tem nenhum outro profissional que esteja substituindo este, então hoje você chega numa escola que nem a nossa onde os professores deveriam ter seus planos de ensino, a sua metodologia, as suas aulas sendo acompanhadas para que tenham as suas aulas para que tenham aulas mais criativas, nos não temos mais nenhum profissional, que acompanhe para saber se os professores fizeram o planejamento, se está obedecendo as ementas, quais são os instrumentos de avaliação, que tipo de avaliação ele está dando, como é desenvolvido esse processo, se ele consegue interagir, ou se ele é aquele que despeja o conteúdo e vai embora, tudo isso ocorre muitas vezes pela carência desses profissionais, os Or.E aqui eram professores, os novos Or.E não foram professores são técnicos então eles já não tem mais a facilidade de entrar em sala de aula, porque eles não são professores, eles são técnicos administrativos ou pedagógicos, são um outro grupo, isso então dificulta a relação com os professores, portanto, são pedagogos não docentes, infelizmente professor gosta muito de se relacionar com professores, mas quando tem um técnico ou outro tipo de profissional, eles já dizem eles não são professores, eles não tem experiência em sala de aula, vão querer me dizer o que eu tenho que fazer na minha sala de aula, nos vivenciamos aqui faz pouco tempo, onde numa reunião os professores olharam para os Or.E novos e disseram, mas o que vocês sabem de sala de aula? Se eu e outros Or.E que somos professores e estávamos presentes nos mostramos que também conhecemos da sala de aula, que sabemos as dificuldades, esse ainda é um problema, é que olham para o Or.E como aquele que passa a mão na cabeça dos alunos, acredito que essa fase já passou, hoje somos profissionais que temos clareza do nosso papel, nós não somos aqueles que sempre defendem os alunos, nos trabalhamos numa dinâmica onde escutamos as partes, dialogamos e construímos uma nova realidade, nos não estamos aqui para fazer juízo de valor, nem

de postura, nem de formação, nem de didática, nos estamos aqui para facilitar e para mediar e fazer com que o aluno aprenda e o professor ensine.”

Entrevistado 2: *“Tem sido um desafio, pois o campo de disputa que a escola é profissionalmente, isso tem sido um desafio como orientadora educacional, entender meu papel como sujeito, isso tem sido um conflito entre as minhas concepções, o que eu acredito, as minhas crenças, as minhas ideologias, o meu pessoal e o meu profissional, entender essa dinâmica do campo, pois é tudo novo, estou conhecendo com tudo funciona, isso tudo é um desafio penso que positivo, e me faz enxergar a realidade do modo como ela é.”*

Entrevistado 3: *“Na Prefeitura Municipal de Florianópolis que eu vou falar mais específico onde eu atuo como orientadora educacional, eu percebo as facilidades em relação aos alunos, eu trabalho na Escola Básica Municipal Prefeito Osmar Cunha localizada em Canasvieiras/Florianópolis, a escola atualmente tem oitocentos e noventa e cinco alunos nos temos uma equipe de professores muito boa, com uma formação excelente, uma equipe engajada, um projeto político pedagógico muito estruturado e debatido constantemente e diferente de outros lugares nos percebemos que a equipe tem um bom entrosamento pedagógico, de forma que a equipe pedagógica consegue fazer seu trabalho de fato que é auxiliar o professor a ensinar e o aluno a aprender que isso que define o processo de aprendizagem, percebo que o público que atendemos é uma facilidade, e acho que ter uma equipe pedagógica completa que não são todos os espaços que tem essa equipe completa, eu considero que administrador escolar, supervisor escolar e orientador educacional, no nosso caso temos um administrador escolar, dois supervisores e dois orientadores isso é uma facilidade porque isso faz que ao mesmo tempo em que você consiga trabalhar naquilo que a sua função determina você também consegue pelo número de pessoas fazer um trabalho pedagógico em conjunto e desenvolver mais projetos e dar atenção de fato para aquilo que é importante. Dificuldades e facilidades eu considero que a gente sempre analisa fazendo um comparativo entre aquilo que a gente estudou teoricamente e as outras vivências, eu tive vivências no estágio no Colégio de Aplicação e outros estágios em escolas estaduais, municipais e particulares, e eu percebo que em relação ao Colégio de Aplicação que eles têm uma estrutura melhor de apoio que favorece o trabalho do orientador, uma enfermaria com médico e enfermeiro, fiscais de pátio para dar apoio. Já na prefeitura nos não temos essas pessoas, então muitas demandas que não seriam da equipe pedagógica da orientação e da supervisão pela falta de profissionais para realizar essas demandas temos que realizar para atender ao aluno, por exemplo, questões disciplinares que muitas vezes não tem relação com o processo de aprendizagem e outros têm uma relação direta, atendemos alunos que acidentam, se machucam, fazemos algumas intervenções em relação a intervalo e a pátio e isso acaba que ao mesmo tempo em que é necessário acaba tirando o foco do profissional. No caso da prefeitura de Florianópolis temos à hora atividade de doze horas semanais, isso é uma facilidade porque quando o orientador esta atuando na escola ele tem que “apagar incêndio”, demandas urgentes sem aviso prévio, e a hora atividade é importante para o planejamento, para reflexão, para que ele consiga definir seu trabalho, verificar suas prioridades, montar projetos etc.”*

O que você entende por Orientação Educacional e qual é sua importância?

Entrevistado 1– *“Se hoje fomos observar a nossa função bem resumidamente, ela é a de um facilitador no processo de ensino e aprendizagem daí vamos dividir em três momentos: o contexto do aluno, o contexto dos professores e o contexto familiar. Se eu trabalho a relação professor-aluno, se o meu objeto de estudo é o aluno, e eu tenho finalidade fazer com que esse aluno adquira conhecimento, que ele produza conhecimento. Já o meu trabalho em relação ao professor vai ser de nos municiar o professor sobre informações a respeito do aluno e ao mesmo tempo juntos fazer com que ele aplique técnicas, dinâmicas e que ele entenda o processo de avaliação, vou dar um exemplo, a respeito do processo de avaliação, não basta um professor chegar em uma sala de aula e passar os conteúdos aos alunos e fazer uma prova de assinalar, ele pode ter um resultado bom ou péssimo, porque muitas vezes o aluno não está em sintonia, o conteúdo não foi explicitado de forma coerente, nos tivemos a pouco tempo um professor que fez uma avaliação sendo que dos 25 alunos 23 reprovam, a partir daí*

surgiu um debate, aí qual foi o trabalho da orientação chamar esse professor, analisar com o professor os instrumentos que ele utilizou, analisar com ele a forma com que ele explicitou esse conteúdo, quais foram as técnicas que ele utilizou e junto com ele construir uma nova realidade, pois esse aluno não absorveu conhecimento, alguma coisa ocorreu, como eu sou um conhecedor da turma e discuto com a turma a sua dinâmica, primeiro o alunos não sabiam quais eram os objetivos daquele estudo, segundo a leitura dada não estava em sintonia com a idade-série do aluno, pois não basta pegar um texto do doutorado e trazer para os alunos do 1º ano do ensino médio, achando que ele vai desenvolver uma síntese ou uma análise, ele não tem o conhecimento do vernáculo, do vocabulário, ele precisava ter sido preparado e aquele texto deveria ser reelaborado para que assim ele compreendesse, depois disso ele tem que discutir esse texto para deixá-lo de forma mais acessível, não basta ler o texto depois dar o texto e fazer uma leitura silenciosa, uma explicitação rápida de apenas 15 minutos e achar que aquilo foi compreendido, nos que somos professores e estamos na academia, quando eu ainda estava na graduação e um professor deu um texto de filosofia para mim e eu li duas vezes e disse: - Eu não entendi nada. E o professor perguntou: - Quantas vezes você leu? Eu disse: - Eu li duas vezes. O professor disse: - Eu li catorze vezes para eu te dar aula, então você quer entender lendo o texto só duas vezes? Então eu nunca me esqueci disso. A partir daí eu entendi que eu teria que fazer diversas leituras, onde uma teria que desenvolver uma leitura reflexiva, uma de vocábulo, e outra de contexto histórico, isso faz com que os alunos vivenciem aquilo. E o avaliar? O avaliar não é fazer uma prova para ver aquilo que o aluno não sabe avaliar é fazer um instrumento para que você possa diagnosticar, esse é o papel do Or.E junto ao professor é de discutir os instrumentos, discutir com ele a forma dentro daquela realidade que eu tenho com o aluno, o meu papel com o aluno é mostrar que ele está num momento da sua vida que ele está na escola para aprender, para discutir, para desmistificar a escola, mostrar para ele que ele é sujeito da aprendizagem, que a aprendizagem depende dele, e daí diante da realidade dele nos vamos estudar porque ele não aprendeu se é um problema nas relações familiares, se é um problema na dinâmica da escola, ele não se relaciona com os amigos, ele está na adolescência tem algum tipo de perda e isso está sendo trabalhado, se ele tem algum problema de saúde, quando nós compreendemos o adolescente nesse momento você passa a ver o adolescente com outros olhos e assim você compreende as suas fragilidades e o que tem que ser feito. E com relação à família, muitas vezes as famílias depositam os alunos na escola como se fossemos um banco e como se fossemos responsáveis pela educação total do aluno, nos somos responsáveis pela educação do aluno, a educação vem de família, mas muitas vezes nossos alunos vêm de realidades sociais que não tomaram café, que não tem uma roupa para vestir, em que não tem o pai ou mãe ou tem algum preso, ou foi abandonado, ou sofre agressões, ou por muitas vezes o aluno se encontra em casa sozinho, desta forma percebe-se que o aluno não está preparado e que ele não está em condições de aprender, assim a OE vai atrás dessas famílias e chama os pais ou responsáveis, e vai trabalhar essa dinâmica com eles, nós não vamos intervir na família, nos vamos dar caminhos, se não conseguimos aqui nós apresentamos o psicólogo, o assistente social e em últimos casos em situação de violência apresentamos o conselho tutelar, então nós temos várias frentes para compreender, e também junto com a direção, muitas vezes a escola se utiliza de uma violência simbólica, a forma como se organiza, a forma como os professores tratam, a forma como é estruturado a sala de aula, a forma como é feito as avaliações, elas muitas vezes são agressões contra o aluno, e essas agressões precisam ser compreendidas, que a gente passe a minimizar ou equacionar, ou eliminar esse tipo de agressão, então nós temos papéis distintos, por isso o OE tem um papel importante dentro da escola, é por isso que temos que estar preparados. Nós temos um cuidado em envolver toda a comunidade escolar, nos tínhamos um problema com o lanche, era muito lanche desperdiçado ou jogado fora, então nos dá OE propomos um estudo onde junto as merendeiras para saber o que estava acontecendo, e assim chegamos à conclusão primeiro que o cardápio que era oferecido, por mais que a escola oferecesse um bom lanche não era um cardápio atrativo, nos trabalhamos com adolescentes, mas isso não quer dizer que eu tenha que dar toda hora batata frita para eles, mas é necessário construirmos juntos um cardápio e assim fizemos uma enquete junto aos alunos, e perguntamos o que eles gostariam de comer e juntamente com as merendeiras, e elas forma nas salas mostrar o trabalho delas, mostrando a dificuldade em fazer o almoço e para que não continuem jogando a comida fora, que eles precisam tratá-las com carinho, e também que elas tenham carinho com eles, e a relação mudou, eles fizeram entrevistas, cartazes e se envolveram e a mesma coisa em relação aos seguranças, pois os seguranças não estão aqui para cercar a liberdade

deles de saírem, eles estão aqui para cumprir uma determinação, eles devem estar de uniforme que é a forma de sabermos quem são os nossos alunos, para assim identificá-los e protegê-los, e antes eles os viam como adversários, que é uma determinação decidida por nós, pelos pais, pelo colegiado e pelo grêmio estudantil. E o orientador educacional é um facilitador do meu ponto de vista e um facilitador do processo de ensino aprendizagem, então ele trabalha com dinâmicas na própria escola como também envolve a família nesse processo, a própria direção da escola, bem como toda a comunidade escolar. E o orientador ele é um mediador, ele é um facilitador dessas relações, então além dessas formações e de gostar da escola, eu sou uma pessoa que vivo sempre estudando muito sobre educação.”

Entrevistado 2- *“Eu acredito que seja uma profissão que se objetiva antes de tudo facilitar, propiciar, mediar à construção da melhor forma possível do processo de ensino-aprendizagem para os discentes isso em parceria com a comunidade escolar, assim trabalha nesse movimento de articulação para desenvolver da melhor forma possível o processo de ensino aprendizagem, no caso para ser da forma mais saudável e cuidadosa para que haja o mínimo de intervenções. É de fundamental importância porque está imbuído de um objetivo que é geral na escola que é o processo de ensino-aprendizagem, mas com olhar direcionado para o discente, para como o aluno vai ter acesso a todo conhecimento historicamente construído, as habilidades daquele aluno, as suas relações entre o aluno e o professor, ou como o aluno está articulando a aquisição de conhecimento com as suas sociabilidades, o que está prejudicando o que não está o que você pode interferir, acredito que seja fundamental você ter uma figura de referência para esse desenvolvimento que vai ser realizado em cada fase da vida. Duas séries mais ou menos da mesma faixa etária, da mesma fase do desenvolvimento, que até fisicamente as salas de aulas ficam próximas, você consegue está mais próxima com aquele grupo, se aproxima mais e de repente você acompanha essas turmas durante o processo de escolarização na educação básica, para assim conseguir desenvolver um trabalho em longo prazo em prol do desenvolvimento do educando.”*

Entrevistado 3 – *“A função do Or.E é favorecer através de diversas ferramentas o processo de ensino aprendizagem. O Orientador educacional é profissional extremamente importante e indispensável na escola nos observamos isso principalmente quando não temos esse profissional, ou quando o mesmo tem quadro reduzido, ou até mesmo quando tem um profissional da área exercendo essa função.”*

Para você quais são/seriam as funções de um Orientador (a) Educacional no atual contexto? Na sua atuação você consegue implementá-las? Por quê? Para você qual o papel da OE e como realizá-lo quanto ao processo de ensino-aprendizagem.

Entrevistado 1 – *“A respeito da rotina do nosso trabalho nos além de fazer esse atendimento nos acompanhamos a prática diária dos nossos alunos então nos participamos das nossas reuniões de série aonde nos observamos e discutimos junto com os professores o rendimento de cada aluno, nos temos essa observação, nos acompanhamos os conselhos de classe, nos aqui introduzimos o conselho de classe participativo onde estão presentes todos os professores e alunos dentro de uma sala de aula, desta forma nos desenvolvemos uma dinâmica que todos dizem o que tem para dizer, e ambos são preparados para esse encontro, é um trabalho além do individual, que é oriundo muitas vezes do contexto familiar e que precisamos compreender, pois nos temos alunos que vem para cá e sofrem violências e esses nos atuamos junto a psicologia e o conselho tutelar e são muitos, nos também temos as situações de agressões, que num primeiro momento é disciplinar e não se envolve, mas num segundo momento se envolve para entender o que esta ocorrendo com esse aluno principalmente por que nos temos a formação na área da psicologia, então a gente entra para ser um facilitador junto com o psicólogo, além disso, nos participamos de todo o processo de reforma curricular, nos fazemos parte das equipes de estudo em que algumas delas nos coordenamos o de avaliação onde estamos discutindo o processo de avaliação, o que é a avaliação, o de reforma curricular, o de violência nos participamos aqui, nos também participamos do colegiado da escola, da administração da escola, o Or.E aqui se faz presente em todos os momentos da escola. A orientação no nosso caso tem 150*

alunos por orientador educacional, e em questão da turma no qual vai ficar é pela questão da formação, da com aquela faixa etária, assim fica algumas orientadoras dividindo a turma dos anos iniciais, outros com anos finais e outros com ensino médio, e semanalmente uma reunião de setor para socializarmos nossas experiências, os orientadores atuam, nos planejamos juntos e temos o planejamento do setor, nos trabalhamos por série de forma organizada, e nos fizemos nossas reuniões para trabalhar as nossas ações, as decisões da orientação educacional é sempre de forma colegiada, toda vida o grupo discutindo a forma com que serão feitas as decisões e os encaminhamentos, e também quando temos casos individuais ou casos que afetam ou que precisam de um parecer conjunto, ele é exposto no grupo e todos fazem a sua análise e nos damos um parecer coletivo, exemplo se é um problema com droga, se isso é detectado numa turma e aquilo afeta, nos trazemos para o grupo, nos estudamos os alunos e analisamos a situação e tomamos uma decisão colegiada, pois isso pode afetar outros segmentos, então é um setor organizado.”

Entrevistado 2- *“Eu sou uma pessoa organizada em termos daquilo que tenho que fazer, eu sou planejada, e eu tento cumprir eu tenho um calendário, e eu sempre observo o calendário e as tarefas que eu tenho que fazer. Normalmente nos temos reuniões do setor e também das comissões no qual participamos com a de reforma curricular e avaliação, de alguns rumos e fluxos de encaminhamentos da escola, digamos que umas três vezes por semana eu faço atendimento individuais com alguns alunos em específico, e dependendo de alguma demanda, tem um horário específico na quinta-feira à tarde que é só para atendimento aos pais, mas a rotina da escola faz surgir muitas demandas, demandas do dia-a-dia, que são coisas imprevisíveis, que foge ao nosso controle, como exemplo, em sala de aula com uma professora que não está conseguindo mediar ou tirar uma criança de um contexto prejudicial, mas a princípio eu mantenho um planejamento onde eu consigo utilizar mais o horário e desenvolver mais atividades e sobra tempo para trabalharmos dentro dessas demandas que surgem no dia-a-dia. A organização das turmas em relação aos orientadores educacionais é desenvolvida por segmentos ou proximidade de acordo com a formação, mas como cheguei esse ano na escola e essa divisão já estava estabelecida desde final do ano anterior, eu acabei ficando com as turmas cedidas por cada um sendo: duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental, uma turma do 2º ano do ensino fundamental, uma turma do sétimo ano do ensino fundamental e duas turmas do primeiro ano do ensino médio. Em relação à atuação nesses segmentos diferentes, praticamente é a mesma só muda mesmo a questão da faixa etária, a quantidade de professores e a forma de intervenção. Eu acho que é facilitar esse desenvolvimento num turbilhão de informações que as crianças e os adolescentes vem tendo atualmente, acho que para mim a maior complexidade nesse contexto atual, é você conseguir entender que discente é esse? As demandas são completamente diferentes, as famílias, as pessoas trabalham mais, as crianças têm mais acesso às informações, e cada vez mais as informações vêm mais condensada. O que é fundamental na escola que é a aquisição de conhecimento, tem sido cada vez mais maçante para os alunos, acho que na atualidade as informações seriam essas, facilitar na quantidade dessas informações, as informações são as mais diversas, então vários motivos faz a escola não ser atrativa do modo no qual está, orientador atua nesse contexto atual e nele que ele vai tem que ele propiciar o ensino da forma mais qualificada possível.”*

Entrevistado 3 – *“Com relação à rotina de trabalho na prefeitura de Florianópolis os orientadores são contratados para trabalhar 40 horas semanais sendo que 12 horas são a hora atividade, o orientador tem desdobramentos sendo que ele tem o foco principal no processo de ensino aprendizagem, favorecer para que o professor consiga ensinar e aluno aprender, só que dentro dessa conjuntura existem funções específicas que eu considero que é basicamente a articulação do PPP com os profissionais e com a comunidade escolar participando de forma democrática na construção, na ampliação, na eficácia e que o PPP não seja apenas um documento, mas que ele seja um documento que oriente todas as ações pedagógicas da escola. Outra função que desenvolver ou atender projetos como, por exemplo, das universidades em parceria, nos observávamos às necessidades para desenvolver os projetos e têm alguns que são inerentes a idade como, por exemplo, a violência, a sexualidade, drogas, a gente procura já desenvolver parcerias para desenvolver esses projetos. Nós também trabalhamos regras, disciplina, respeito. Além de favorecer a permanência do aluno na escola então o orientador educacional em parceria com o Ministério Público e o Conselho Tutelar,*

ele realiza o controle da frequência dos alunos e encaminha um relatório chamado APOIA, esse relatório quando os alunos completam cinco dias de falta consecutivas ou sete faltas alternadas em um mês, esse aluno é encaminhado para o conselho tutelar, a escola primeiro tenta fazer um trabalho com a família para resgatar esse aluno e se não conseguir faz o encaminhamento para o conselho tutelar e se necessário posteriormente ao Ministério Público. Também temos atenção a repetição, ao fracasso escolar e conseqüentemente a evasão escolar. A prefeitura de Florianópolis poderia investir em profissionais de apoio e suporte para orientação. Nos temos o apoio pedagógico que é para os alunos que foram apoiados com restrição para ano seguinte. Acredito que a Orientação Vocacional é algo que já foi superado pela orientação educacional porque ela inicialmente tinha sido criada com esse objetivo, acreditando que cada sujeito nascia vocacionado para determinada profissão e hoje em dia isso já foi superado, mas é claro que a orientação ainda tem um foco para orientar o educando para o mercado de trabalho e para um processo profissional, só que não entendendo como uma vocação, mas sim como habilidades, como um querer, até para diminuir essa discriminação com a pobreza de que determinadas pessoas, determinadas classes podem ocupar determinadas funções e cargos então por isso acredito que a orientação tem uma atenção importante. Como eu já citei anteriormente outras funções como a articulação do PPP, os projetos na escola, o atendimento a escola, aos alunos, as famílias, ações que favoreçam e auxiliem o ambiente escolar, intervenções pontuais e planejadas e controle de alguns professores que precisam de apoio, também a função dos orientadores para fazer alguns tipos de encaminhamentos, porque como foi superado essas questões da orientação vocacional, o orientador também no seu trajeto histórico superou essa questão de ter um viés psicológico, nos temos total clareza que o orientador não é um psicólogo, pois nem temos formação para isso então o orientador não vai dar conta ele tem sim suas limitações e não vai dar conta de atender casos que demandem uma assistência profissional de outras áreas como principalmente: médica, psicológica e fonoaudiológica, então quando a gente percebe que para auxiliar no processo de ensino aprendizagem do educando e ele necessita de algum tipo de encaminhamento nesse sentido nos temos algumas parcerias para fazer esses encaminhamentos e na minha atuação eu consigo implementá-las em parte não tanto como eu gostaria e volto a dizer que é pela falta física e apoio de outros profissionais que são indispensáveis na escola. A escola que eu trabalho atualmente tem 890 alunos, nos temos uma equipe formada por 2 supervisoras e 2 orientadoras educacionais como nos têm a implantação da hora atividade nos procuramos não realizar essa hora atividade quando não é na escola juntas pra que sempre tenha uma orientadora na escola, também por este motivo como somos nós duas nos separamos para que cada orientadora atenda um determinado número de alunos porque a prefeitura não prevê essa divisão para conseguir fazer esse tipo de divisão, ambas atenderem todos esses alunos, nos temos um controle uma questão de registro muito organizada, pontual e específica, nos temos um fichário com uma pasta para cada turma e qualquer tipo de atendimento ou intervenção ou encaminhamento nos anotamos colocamos a data e o que foi feito, além de quem realizou o atendimento ou intervenção, se caso a orientadora que fez o atendimento não esteja, a outra pega aquela pasta e verifica quais encaminhamentos foram dados a aquele aluno até aquele momento e o que ela pode continuar fazendo, mas em alguns momentos nos temos que dividir demandas, nos acabamos dividindo a demanda do dia, e nos sempre registramos o que foi feito as turmas e os alunos em específico.”

Que características você julga como necessário, aos Orientadores Educacionais na atualidade?

Entrevistado 1: *“Parto do princípio quem quer trabalhar na educação tem gostar de educação, essa tem que ser a primeira característica, nos conhecemos a realidade do Brasil a educação sofre nos temos muitos discursos bonitos, nos temos inúmeras promessas, nos temos ai a Pátria Educadora, o texto da Pátria Educadora é um deboche, e se fomos observar as análises feitas dentro das universidades, assim sabemos que existe muitas propostas para a educação, mas nada sai do papel, quem vai para a educação já sabe que é um desafio a cada dia, é estar aberto para esse processo de doação, e nos temos que lutar por uma boa remuneração, para temos uma carreira decente, mas não podemos esquecer-nos de procurar uma boa formação, muitas vezes o que esta sendo dado na academia não esta condizente com a realidade, e ele sabe que vai trabalhar com realidades distintas, que vai ser aquele que vai se dobrar para o aluno para conhecer a sua realidade, o profissional da*

orientação sempre tem que buscar esta em constante formação, em querer superar as dificuldades, ele tem que saber que vai ser um profissional muito exigido e pouco reconhecido, nós temos que buscar a valorização, com as nossas reflexões, participar dos momentos de luta.”

Entrevistado 2: *“O planejamento e a organização são os fatores que tem me feito trabalhar e realizar as coisas que eu almejo. Eu acredito que para você ser um orientador educacional você deve ser humano, ser plural, conseguir olhar os sujeitos nas suas individualidades e especificidades acho que isso é fundamental, conseguir olhar o olhar do outro, no sentido de tentar compreender, entender que é um ser humano que só tem a contribuir e que esta em processo de desenvolvimento, eu acredito que tem que ter jeito no trato com as crianças e adolescentes, gostar de estudar e se atualizar, tem que ter compromisso, tem que esta pronto para comprar um briga que é política também, tem que esta preocupado com a formação crítica e acreditar que pela educação e pelo diálogo que as coisas acontecem na sociedade para o bem. A respeito das famílias o diálogo é muito menor do que eu achava que fosse.”*

Entrevistado 3: *“O orientador educacional tem que ser alguém engajado nas questões educacionais, ele tem que gostar de educação, ter a formação, saber trabalhar em equipe, ter paciência, saber ouvir, pois os pais trazem muitas questões que a princípio não ter relação com o trabalho pedagógico, mas oferecem muitas ferramentas com que o orientador possa pensar esse fazer pedagógico com o aluno, então vai dando pistas sobre o que o orientador consegue fazer, outras características que eu julgo como eu citei a organização porque eu acredito que ela está muito ligada ao planejamento porque se não tiver planejamento ele vai apagar incêndio e tem que ter uma organização para cumprir esse planejamento para atender a todas essas demandas que precisa e também apagar os incêndios.”*